

Sumário dos Ecos de janeiro-fevereiro de 2005

2 Informações

Vida Espiritual

- 3 Carta de 1º de janeiro de 2005
Mère Evelyne Franc, Superiora Geral
- 7 Carta de 24 de janeiro de 2005 – Tsunami
Mère Evelyne Franc, Superiora Geral
- 9 Carta de 2 de fevereiro de 2005
Mère Evelyne Franc, Superiora Geral
- 16 Quaresma 2005
Padre Grégory Gay, Superior Geral
- 22 Projeto de estudo das Constituições com a ajuda de 12 fichas
Padre Javier Alvarez, Diretor Geral
- 24 1ª Ficha: “A Companhia na Igreja”
Padre Javier Alvarez, Diretor Geral

Atualidade das Províncias

Testemunhos das Irmãs

- 34 Províncias do Brasil: Encontro dos Conselhos Provinciais em Curitiba (14-22 de Outubro de 2004) e 100º aniversário da chegada das Filhas da Caridade em Curitiba
Irmã Bernadete Valenga, Filha da Caridade
- 37 Províncias da América Latina e do Caribe: Encontro das Visitadoras e das Conselheiras delegadas na Guatemala (4-10 de dezembro de 2004)
Irmãs N. L. Ortega, M. C. Tola, M. Léon, correspondentes para os Ecos
- 40 Províncias da Espanha: Encontro dos Conselhos Provinciais em Ávila (3-8 de novembro de 2004)
Uma participante do Encontro
- 42 Províncias da Itália: Encontro dos Conselhos Provinciais em Nápoles (19-24 de novembro de 2004)
Irmã Cecilia Di Giuseppe, Filha da Caridade
- 44 Província de Bogotá: “O mundo muda se eu me renoso” CIEVI 2004
Irmãs Isabel Iris Luna e Maria Lazara Fernandez, participantes do Cievi
- 46 Província da França-Sul: Um Centro de Acolhida e Formação para os imigrantes em Atenas (Grécia)
Irmã Anna Dounavi, Filha da Caridade

- 49 Província de Nápoles: Uma Casa de Acolhida para os imigrantes: "Santa Maria Goretti" em Bari
Don Geremia Acri, Diretor da Casa

Palavra dos Pobres

- 50 Província da França-Norte: "Ao lado deles"
Irmã Danièle Kogel, Filha da Caridade

Notícias Breves

- 53 - 130 Anos de presença na Ariccia (Prov. de Roma)
54 - Ação de graças... novos começos (Prov. Filipinas)
- Nova implantação nas Ilhas Cook (Prov. da Austrália)
55 - Escola do Carisma Vicentino (Prov. de Nápoles)
- Lançar as sementes para uma futura colheita (Prov. Chinesa)

Família Vicentina

- 56 A Congregação da Missão hoje
Padre Robert Maloney, cm

História da Companhia

Fontes e atualidades

- 71 Maria Imaculada e a Companhia das Filhas da Caridade
Irmã Claire Herrmann, Serviço dos Arquivos
- 80 Jeanne Dalmagne, 360 anos !
Irmã Claire Herrmann, Serviço dos Arquivos

Cobertura: Sobre o cavalete do Espírito Santo

INFORMAÇÕES

Todos nós ficamos impressionados, e continuamos profundamente marcados pela catástrofe que atingiu as populações da Ásia, no dia 26 de dezembro passado. Rapidamente, o mundo inteiro reagiu por um imenso elo de generosidade, expressão de uma profunda compaixão, sinal de esperança e de proximidade com todos os que sofrem. Nossas Irmãs da Índia, da Indonésia e da Tailândia se apressaram em se unir aos grupos de salvamentos lá onde havia necessidade delas. A Companhia participa junto com outras Associações na reconstrução das casas e de toda a infra-estrutura necessária permitindo às pessoas, que perderam tudo, reencontrarem forças para continuar a viver. Irmã Julma Néó, Conselheira geral para o Continente Asiático, escrevia: “Os sofrimentos de nossos irmãos e irmãs Hindus, Muçulmanos e Budistas destes Países são também nossos próprios sofrimentos. Continuemos a rezar por eles neste momento de angústia e de dor”.

O impulso mundial de generosidade testemunha uma humanidade capaz de agir junto para fazer algo face à aflição. Esta solidariedade é sinal da ação ativa de Deus no coração e na vida de todos os que vêm em socorro aos seus irmãos e irmãs afrontados às desgraças e a morte.

Neste ano de 2005, continuaremos a partilhar os acontecimentos que exprimem o dinamismo da vida Internacional da Companhia e nos abre à riqueza das diferentes culturas.

Diferentes rubricas querem contribuir para esta articulação tão necessária entre formação, reflexão sobre a espiritualidade e o Carisma da Companhia, circulares, intervenções e visitas dos Superiores, escuta da vida dos pobres e ações de solidariedade com eles.

As partilhas com os Pobres querem ser também ponto de ancoragem da revista. Com efeito, os testemunhos de relações de proximidade e de reciprocidade com os Pobres nos convidam a acolher os germes do Espírito que eles trazem em si; eles liberam também em nós capacidades insondáveis de amor e/ou nos revelam a nossa pobreza.

As notícias breves permitem uma curta partilha de um ou de vários acontecimentos mais específicos da vida das Províncias (nova fundação, encontro provincial, celebração de um aniversário...).

O capítulo "Família Vicentina" nos faz vibrar ao ritmo de um trabalho de colaboração entre os diferentes ramos.

O último capítulo prossegue o seu objetivo de nos fazer descobrir as riquezas do Patrimônio da Companhia.

Mère Evelyne Franc, Superiora Geral

Carta de 1º de janeiro de 2005

Minhas queridas Irmãs,

A graça de Nosso Senhor Jesus Cristo esteja sempre conosco!

De todo coração apresento-lhes os meus votos de um Feliz e Santo Ano. Sabemos que o Senhor nos dará em 2005 novas ocasiões de amar, servir e também de partilhar com os outros seu Amor.

O primeiro voto que eu lhes faço é de entrar neste Ano Novo com Maria, Mãe de Deus e Mãe da Companhia. Cada dia de 2005, nós teremos necessidade de confiança e de coragem, de humildade e de firmeza para amar, servir e partilhar. Quem melhor do que Maria pode nos ajudar a caminhar na fé e no amor? Ela *"que pela vontade eterna do Altíssimo veio a encontrar-se, por assim dizer, no próprio centro daquelas 'vias incompreensíveis' e daqueles 'insondáveis desígnios' (Rm, 11, 33) de Deus, conforma-se a eles na obscuridade da fé, aceitando plenamente e com o coração aberto tudo aquilo que é disposição dos desígnios divinos" (Redemptoris Mater n° 14).*

Abramos, portanto, os nossos corações no limiar do Ano de 2005 ao plano divino, à Providência, como nos convidam São Vicente e Santa Luisa:

"Deixai-vos conduzir pela Providência e quando vos parecer que tudo está perdido, tendes ainda maior motivo para esperar que Nosso Senhor está convosco e que fará que tudo redunde para o vosso bem " (São Vicente, Coste X, p.511).

"...Suplico a Deus guardar-vos e peço-vos que neste novo ano, renoveis vossos primeiros fervores no serviço de Deus, para conseguirdes de sua bondade a graça da fidelidade e perseverança no cumprimento de sua santa vontade" (Santa Luisa, L. 505).

Obrigada por todas as cartas e diferentes mensagens, expressando-me orações, confiança e partilha no seu conteúdo. Nelas, li a alegria das Irmãs em pertencer à Companhia e percebi o desejo de fazer de suas comunidades lugares de experiência de Deus, de comunhão para a Missão e dei graças pela paixão no serviço de Cristo nos Pobres. Todos os testemunhos de serviço deveriam ser citados, pois atualizam a audácia de nossos fundadores pelos destituídos, os esquecidos ou os excluídos, seu respeito e seu amor cordial em relação a todos. Frequentemente as cartas que recebi evocavam o sofrimento de não poder aliviar tantas e tantas misérias.

Apresentemos ao Senhor todos os sofrimentos, as injustiças e as situações de violências do ano passado colocadas nas primeiras páginas dos jornais; elas estiveram no coração de nossas orações e mobilizaram tanta generosidade na Companhia e muito mais. Nós reconhecemos as "estruturas de pecado" que descreve a Encíclica *Sollicitudo Rei Socialis* (cf. N° 36-37) e, em paralelo os laços de solidariedade que nascem espontaneamente e com tanta generosidade no coração dos homens e mulheres do nosso tempo bem como a sua profunda aspiração por um mundo mais justo. Vejo para nós Filhas da Caridade uma confirmação urgente do testemunho que devemos dar, quer sejamos Irmãs do Seminário, Irmãs em plena atividade ou Irmãs idosas. As novas Constituições, grande dom recebido do Senhor em 2004, no-lo asseguram magnificamente.

Isto me conduz ao meu segundo voto para o Novo Ano, o de nos impregnar pessoalmente neste livro de vida confrontando-o com a realidade que nos cerca. Gostaria de me deter ao número C. 18 sobre o espírito da Companhia que foi notavelmente enriquecido e aprofundado em todos os relatórios, de forma a melhor corresponder aos desafios do mundo atual. *"A humildade impele-as a tomar consciência dos dons recebidos de Deus, dar graça e colocá-los pôr-o ao serviço dos outro". "A Simplicidade... conduz a buscar, amar a verdade e defendendo-a nas situações de injustiça". "A Caridade... as impele a servir os pobres e ajudar toda pessoa a realizar sua vocação de filha de Deus,*

sem distinção de raça, de cultura, de condição social ou de religião". Este artigo sempre alimenta a minha oração. Aí encontro a semente evangélica que graça à intuição de nossos fundadores, germinou para se tornar o espírito da Companhia. Posso aí admirar também os sulcos bem e simplesmente escavados por tantas Filhas da Caridade, que nos precederam e aí eu pressinto enfim, toda a extensão dos campos ainda não cultivados, das novas possibilidades que se oferecem a nós neste início do Século XXI, para servir os nossos irmãos e irmãs destituídos de tudo.

Neste momento gostaria de partilhar com vocês algumas notícias. O ano de 2005 será rico em Encontros Internacionais. Na Casa-Mãe, vão se reunir uma Comissão Internacional para elaborar um Manual para os Arquivos; diferentes Comissões encarregadas de atualizar os livros comunitários (Orientações para às Visitadoras e Conselheiras, às Irmãs Serventes, às Secretárias e a Instrução sobre os Votos). Preparamos igualmente reuniões de Visitadoras e Conselhos Provinciais a fim de refletir sobre as Constituições (uma com Irmã Margaret Barrett e outra com Irmã Marie Bernard Giffard), como já aconteceu em outros Países. Organizamos também uma reunião das Visitadoras recentemente nomeadas, uma Sessão Vicentina, um Encontro para as Irmãs que trabalham com os Migrantes, deslocados, refugiados. Sem esquecer o encontro de jovens que teremos no mês de Agosto na Casa-Mãe, para a Assembléia Geral da Juventude Marial Vicentina. Isto será um bonito símbolo de concentração em Paris por ocasião do Ano da Juventude da Família Vicentina.

Nós teremos talvez em 2005 a alegria de outra beatificação de Filha da Caridade. Trata-se da Irmã Marta Wiecka cuja heroicidade das virtudes foi reconhecida no dia 20 de Dezembro passado pelo Papa João Paulo II. Irmã Marta Wiecka nasceu no dia 12 de Janeiro de 1874 em Nowy Wiec Sudeste da Polônia (atualmente cidade da Ucrânia), entrou na Província de Cracóvia em 1892 e morreu de tifo em 30 de Maio de 1902. Os Ecos da Companhia no-lo apresentarão de maneira mais completa em 2005.

Peço-lhes igualmente orações pelas novas implantações. Cinco Irmãs procedentes das Províncias da Irlanda, de Evansville, Los Altos Hills e da Austrália irão começar no dia 11 de Janeiro, após uma séria preparação, uma missão nas Ilhas Cook um serviço junto dos deficientes, mulheres e jovens filhas vítimas de violências domésticas. Por outro lado o Conselho Geral estuda atualmente vários Projetos de fundação em dois Países da África.

As Conselheiras Gerais e eu mesma, como cada comunidade com suas Irmãs, temos vivido uma celebração comunitária para encerrar o Ano de 2004. A aprovação das Constituições, a sua entrada em vigor e a sua entrega a cada Filha da Caridade foram um motivo de Ação de Graças retomado por todas nós. Todas também, expressamos o quanto as visitas que efetuamos durante o Ano de 2004 foram fontes de energia e de esperança. Ultimamente, tive alegria de encontrar as Visitadoras das Províncias da América Latina e do Caribe na Guatemala e de descobrir assim, a Província da América central.

Termino esta mensagem agradecendo-lhes as manifestações de afeto e solidariedade para com as nossas Irmãs das Províncias da Índia do Sul, Tailândia e da Indonésia após estas terríveis turbulências das correntes marítimas que causaram tantos sofrimentos, provocando ondas de emoção e de compaixão no mundo inteiro.

Asseguro-lhes especialmente a minha lembrança orante em cada Celebração Eucarística *"luz e força para a nossa vida"* (*Mane nobiscum Domine* N° 30).

Feliz e Santo Ano de 2005 com o meu afetuoso devotamento.

Irmã Evelyne Franc
Superiora Geral

Mère Evelyne Franc, Superiora Geral

Carta de 24 de janeiro de 2005

À todas as Visitadoras e Responsáveis Regionais

Querida Irmã,

Enviando-lhes estas últimas notícias da tragédia na Ásia e da iniciativa tomada pelas nossas Irmãs da Índia do Sul, Indonésia e Tailândia na distribuição dos primeiros socorros, eu gostaria primeiramente de expressar-lhes, em união com o Conselho Geral, a minha profunda gratidão.

Este agradecimento se dirige a cada uma e a todas as Irmãs de sua Província pela partilha que seguiu a tragédia causada pelo maremoto na Ásia. Partilha de oração, partilha dos sofrimentos, partilha de recursos materiais, oferta de socorros suplementares e propostas de enviar Irmãs. Suas cartas e mensagens foram um grande conforto e mais um sinal da nossa solidariedade comunitária no Senhor e em fidelidade ao nosso Carisma Vicentino.

Irmã Julma, que está em contato regular com as Visitadoras das referidas Províncias, acaba de partilhar conosco as seguintes notícias:

As Irmãs da Província da Indonésia estabeleceram com a Família Vicentina um primeiro projeto de Assistência Alimentar e Médica assim como, o acompanhamento psicológico para os sinistrados das Ilhas de Nias, Aceh e Sumatra. Trata-se de um curto programa de mais ou menos três meses, seguido de uma avaliação. Faremos chegar à Irmã Ana os socorros financeiros necessários.

As Irmãs da Índia do Sul colaboram com a Igreja nos socorros de urgência e atualmente, estudam as melhores possibilidades de ajuda às populações da região de Madras. Elas nos enviarão muito em breve os Projetos.

No que diz respeito à Tailândia, as Irmãs trabalham em relação estreita com a Igreja local. Diferentes projetos foram redigidos: cuidados médicos, ajuda para as despesas escolares, socorros trazidos aos pescadores, assistência especial para as aldeias isoladas e os trabalhadores sem documentos vindos da Birmânia. Alguns projetos já foram montados e, ainda, graças às doações que nos fizeram, os socorros necessários poderão ser enviados.

Além disso, nas três Províncias citadas será necessário dar uma ajuda a médio e longo prazo. É por isso que os Projetos de maior importância (reconstrução de casas, construção de Escolas, abertura de Postos para Serviços Sociais etc.) estão sendo estudados em união com os trabalhos da Igreja e a Família Vicentina.

As três Visitadoras em causa sabem que podem contar com a ajuda da Companhia – fruto da partilha Interprovincial – e as orações de todas. No momento, nós pensamos que a presença de Irmãs vindas de outras Províncias não se faz necessário por causa da complexidade da situação do terreno e, agradecemos-lhes mais uma vez todas as generosas ofertas que recebemos.

Fiquemos em união de coração e oração com todas as pessoas atingidas por este drama!

Com o meu devotamento afetuoso,

Irmã Evelyne Franc
Superiora Geral

Carta de 2 de fevereiro de 2005

Minhas queridas Irmãs,

Boas festas da Apresentação do Senhor no Templo! Neste dia em que celebramos o Cristo, nossa Luz, e em união com todas as Irmãs, apresentei ao Padre Gregory nossos pedidos de renovação. Vivi este momento na fé e na humildade, expressei-lhe o nosso profundo desejo de fidelidade e de conversão e retomei com ele nossas alegrias e sofrimentos do ano transcorrido. Nosso Superior Geral nos concede a graça da renovação para o dia 4 de Abril próximo, na festa da Anunciação. Façamos então subir até o Senhor nossos agradecimentos e preparemos os nossos corações.

Como eu fiz no ano passado, proponho-lhes alguns comentários curtos sobre uma Linha de Ação, desta vez a segunda, a **Vida de Relação**, desejando que estes nos ajudem durante a nossa preparação mais imediata à renovação. Se com efeito o pedido que fizemos ao longo do mês de Novembro passado foi um momento forte, *"uma troca espiritual e apostólica"* (C. 36 b), as semanas que precedem a festa da Anunciação são também um período de graça para aprofundar o Sim que desejamos pronunciar.

O tema da vida de relação é amplo e a minha intenção é apenas destacar alguns pontos particulares, relativos ao que chamamos vida comunitária. Devo explicar-lhes as razões da minha escolha.

A primeira é o sentimento que neste domínio da vida comunitária, podemos *"ir além do que já existe"* como diz a introdução da segunda linha de ação. As partilhas de cada uma em diversos níveis mostram isto muito bem.

A segunda é a importância que as mais jovens dentre nós atribuem à vida comunitária, e não deixam de reconhecer suas dificuldades neste domínio.

Acrescento um terceiro motivo ligado a minha participação em Novembro passado, em Roma, no Congresso sobre a Vida Consagrada organizado pelo **UISG**, União Internacional dos Superiores Gerais. Jovens religiosas e religiosos foram convidados a este encontro e puderam dar o seu ponto de vista sobre cada tema. Eles insistiram muito também sobre a importância da qualidade da Vida Comunitária, com os desafios e os esforços que isto implica. Suas intervenções encontraram auditoras e auditores atentos e convictos.

Eu vou refletir então com vocês, sobre três aspectos desta vida comunitária: **coerência, comunhão e sinal profético**; fá-lo-ei em função dos textos das nossas Constituições e dos nossos Estatutos, da sabedoria de nossos Fundadores, dos apelos da Igreja e dos sinais dos tempos. Estes breves comentários, eu o espero, servirão de ponto de partida a um aprofundamento pessoal e uma partilha eventual no seio de cada comunidade local.

1. Coerência

Porque falar de coerência? Aproximemos esta palavra do segundo ponto da linha de ação sobre a vida de relação:

"Estimulemos a atenção ao Espírito que age na vida das pessoas e nos acontecimentos do mundo. Nesta luz, discirnamos pessoal e comunitariamente os valores e os contra-valores das culturas atuais".

Quero ressaltar aqui a importância da coerência, da unidade, da relação entre nossa vida de serviço e nossa vida comunitária. A ideia não é nova, encontra-se repetidamente em São Vicente e Santa Luísa.

Mas creio ser necessário retomá-la novamente à luz do que faz o nosso hoje. Nossos serviços de Cristo nos pobres, que efetuávamos no âmbito de uma Instituição administrada pela Companhia ou de uma Instituição pública, no âmbito de uma ONG ou de uma Associação, onde colaborávamos com outras Filhas da Caridade ou com leigos, tais serviços hoje, devem ser vividos numa conexão forte com a vida comunitária.

Eles são sempre realizados em nome de Cristo reconhecido, servido e amado no próximo e assumidos em nome da Companhia (cf. Estatuto 8 a). Mas podemos ainda aprofundar esta ideia, e interrogar-nos sobre a qualidade da relação entre nossa vida de serviço e a vida de nossa comunidade local. A primeira frase da C. 34 pode levar-nos a refletir:

“A Comunidade é o primeiro lugar de pertença das Filhas da Caridade”.

A expressão foi reforçada pela Assembléia Geral de 2003 para responder, a meu ver, a um perigo atual possível, o da perda de identidade, ou a um risco, o do enfraquecimento da nossa relação com a comunidade local.

Este perigo pode nos surpreender quando nossa qualidade de serva de Cristo nos pobres não deixa espaço suficiente à nossa qualidade de membro de tal comunidade local. Certamente eu exagero, mas, se olhamos ao nosso redor, constatamos que muitos dos nossos contemporâneos se referem ao seu trabalho profissional, à sua participação em movimentos para se definir. Com efeito, suas tradicionais referências, como a família ou a Paróquia, infelizmente perderam sua força. Isto corresponde a um dos contra-valores da nossa cultura atual.

Nós, Filhas da Caridade, estamos distante deste tipo de situação, mas nossos grandes compromissos no serviço de Cristo nos pobres podem nos conduzir a uma fragmentação de nossa primeira pertença. Uma consequência extrema seria que uma mudança no nosso serviço levar-nos-ia a questionar esta pertença. Um outro exemplo é a desordem que nos atinge quando as nossas forças diminuem ou a idade, obrigam-nos a deixar nosso serviço.

O risco do enfraquecimento da relação com a comunidade local existe, quando nós esgotamos todas as nossas energias e capacidades de amar no serviço de Cristo nos pobres, reservando à comunidade local, apenas a parte cansada de nós mesmas, que retorna de noite à comunidade, mas que aspira unicamente o descanso ou o silêncio, em previsão do dia seguinte.

A maneira também pela organizamos nossa vida, nossos horários, nossos projetos (exemplo do Estatuto 23 b) pode reforçar ou enfraquecer nossa pertença.

Tenho o sentimento, aqui também, de estar exagerando, em evocar senão situações extremas e secundárias. Mas penso no entanto, que a reflexão sobre a necessária coerência entre vida comunitária e vida de Serviço evitará nossos deslizes da eficácia ao profissionalismo, da responsabilidade individual ao individualismo e da paixão pelo serviço de Cristo nos pobres ao ativismo. Veremos que esta coerência se vive na Comunhão.

2. Comunhão

Porque falar de Comunhão? Reencontramos esta palavra no primeiro ponto da linha de ação sobre a vida de relação.

"Demos um novo impulso à vida espiritual para fazer de nossas Comunidades lugares de experiência de Deus, de comunhão entre as Irmãs, para a Missão".

Ainda aqui, este paralelo entre vida comunitária e comunhão não é uma idéia nova. Santa Luísa não emprega esta palavra, mas numa carta às Irmãs de Richelieu, ela exprime a idéia que a abrange:

"Gostais de vosso modo de vida... Por um secreto desígnio da Divina Providência, considerai-vos unidas mutuamente, para vos santificardes; O forte suporta bem o fraco, cada um por sua vez, porém, com cordialidade e afabilidade?"

(Escritos Espirituais p. 462, L. 377)

A expressão de comunhão foi longamente desenvolvida no capítulo 2 da *Vita Consecrata* 'A Vida consagrada, sinal de comunhão na Igreja': *"pede-se às pessoas consagradas para serem verdadeiramente peritas em comunhão"* (V.C. nº 46). Continuamente, o Santo Padre a mencionou mais profundamente no nº 43 de sua Carta Apostólica *Novo Millennio Ineunte* em 2000 e foi retomada longamente na Instrução *Partir de Cristo* nº 28. Esta palavra chama outras como: partilha da fé, releitura da vida, visão comum, convivência.

Gostaria de que nós nos detivéssemos sobre duas passagens da Constituição 32 a fim de aprofundar e de atualizar o conceito de comunidade – comunhão.

"Uma comunidade se constrói dia a dia pelo dom de si e o compromisso de cada uma. É um lugar de afeição, que favorece o crescimento humano e espiritual bem como a criatividade apostólica. As Irmãs unidas na convicção de um mesmo apelo, acolhem-se mutuamente com estima, respeito e confiança. Esta visão de fé dispõe o coração a uma verdadeira amizade, à aceitação das diferenças, que, longe de separar, contribuem para um enriquecimento recíproco".

Deixo-vos o cuidado de meditar este texto e de observar o que não alterou – e portanto o que foi estudado e novamente escolhido – e algumas modificações feitas pela Assembléia Geral de 2003. Pessoalmente, leio aí um apelo a mais da radicalidade em nosso compromisso a construir nossa Comunidade local diariamente, de uma parte vejo a relação afirmada entre a afeição mútua, e de outra, o crescimento pessoal e a criatividade Apostólica em vários níveis. A afeição mútua é também a gota de óleo que pode favorecer a coerência a qual nos referimos acima.

A outra passagem da C. 32 b que eu quero citar é esta:

"Sua vontade de conversão concretiza-se pelas revisões comunitárias regulares, pela caridade espiritual* e a correcção fraternal* vividas num clima de verdade e caridade".*

Para que as nossas comunidades locais sejam lugares de comunhão entre as Irmãs, afastemos todas as fórmulas prontas das nossas revisões e outras partilhas comunitárias. É necessário que nós aprendamos, rezando nesta intenção, a dizer às Irmãs a verdade com muito amor. Acrescento também que a correção fraterna, tal como ela é descrita no léxico das

Constituições e Estatutos – *Ajuda fraterna dada em espírito evangélico para melhorar um comportamento ou uma atitude* -, permite resolver ao nível da comunidade local as situações de tensão sem implicar o nível Provincial.

São Vicente escrevia a François do Coudray em 23 de Dezembro de 1631:

"A verdade e a humildade combinam bem juntas" (Coste I. p. 144).

Depois à Irmã Charlotte Royer em Richelieu no dia 26 de Julho de 1656:

"A pequena divergência que existe entre vocês... parece-me transgredir a caridade, cujo principal ato é o suporte, sem o qual é difícil duas pessoas conviverem juntas; ao contrário, o suporte é a relação de amizade que as une de coração, sentimento e ação, não somente entre elas, mas em Nosso Senhor, de modo que gozam de uma grande paz" (Coste VI, p. 45-46).

O autor do salmo 85 (84) já havia cantado, personificando os atributos de Deus, esta mesma comunhão entre o amor e a verdade no apelo de socorro aos repatriados, para disso fazer um sinal profético.

"Amor e Verdade se encontram, Justiça e Paz se abraçam".

3. Sinal profético

Se podemos e devemos trabalhar sobre a coerência e a comunhão, o sinal profético não pode ser senão um dom de Deus, um fruto da nossa fidelidade ao carisma e a prática das nossas Constituições e Estatutos. A linha de ação sobre a vida de relação destaca a necessidade que temos de ir além do que já existe e desta vez quero reforçar o seguinte ponto:

"Intensifiquemos nossa proximidade de vida e de coração com os Pobres".

Nossos contemporâneos, que ao mesmo tempo reagem tão generosamente e tão emocionalmente à dor dos outros, e que vivem também sob a dominação consciente ou inconsciente do poder do dinheiro e do parecer, são questionados pela nossa escolha preferencial pelos mais pobres, pela nossa busca dos mais abandonados, nossa solidariedade com eles, nosso combate para que a justiça lhes seja feita.

Toda a Constituição 24, especialmente o parágrafo "e", deveria ser citado a este respeito. Mas toda nossa vida deveria poder ser citada, deveria ser o reflexo desta proximidade. Algumas dentre nós, não têm atualmente a chance de estar em contato direto com os pobres, mas nossos corações podem bater em uníssono aos seus, nossas sensibilidades vibrar com seus sofrimentos e nossas orações lhes ser dirigidas.

Penso especialmente em nossas Irmãs idosas a este respeito e retomo na Constituição 35 b esta bonita passagem:

"As Irmãs doentes e as Irmãs idosas são parte integrantes da missão por sua oração, pela oferenda de seus sofrimentos, seu testemunho de vida".

O sinal profético que elas nos dão a esse respeito é magnífico e agradeço-lhes calorosamente pedindo-lhes para ajudarem a Companhia inteira a viver esta Renovação no Ano de 2005 com um novo elã e um coração cheio de amor pelo Senhor que nos deu esta graça e nos escolheu para servi-Lo, em Comunidade, os Pobres.

Confiando cada uma de nós à Virgem Maria, a serva fiel cujo coração está próximo do nosso, muito especialmente durante estas semanas que nos separam do dia 4 de Abril.

Reencontremo-nos também em cada Eucaristia, "*Epifania de Comunhão*" (MND nº 21) e fonte de vida espiritual.

Em nome de todas, agradei ao Padre Gregory pelo seu dinamismo e por toda a atenção que dedicou à Companhia. Transmiti também ao Padre Javier o nosso agradecimento por seu acompanhamento incansável. Em nome de todas, eu saúdo também, com um respeitoso e afetuoso reconhecimento o Padre McCullen, o Padre Maloney, o Padre Quintano, a Mère Duzan e Mère Elizondo dos quais nos sentimos tão próximos.

Com a minha dedicação afetuosa asseguro minha oração por todas as Irmãs,

Irmã Evelyne Franc
Filha da Caridade

Padre Grégogy Gay, Superior Geral

Quaresma 2005

Às Filhas da Caridade, mensageiras de paz

Pondo-se de joelhos, o Senhor Padre Vicente começou esta oração: "Salvador das nossas almas, que, por vosso amor, quisestes morrer para salvar os homens, que deixastes por assim dizer, a vossa glória para no-la conceder, e por este meio, nos fazer como deuses, tornando-nos tanto quanto possível, semelhantes a Vós, imprimir nos nossos corações a caridade, para que possamos juntar-nos a esta bela Companhia da Caridade que está no céu. É a oração que vos faço, Salvador das nossas almas". (Conf. SV, 763)

Queridas Irmãs, a graça e a paz de Nosso Senhor Jesus Cristo habitem em vossos corações agora e sempre!

Façam deste tempo de Quaresma um tempo especial de graça para lhes ajudar a refletir sobre o compromisso de cada uma no seguimento de Jesus Cristo, Evangelizador e Servidor dos pobres e a aprofundar este compromisso. Uma das ricas tradições para nos ajudar a viver esta reflexão e continuar o nosso caminho de conversão pessoal é o **exame de consciência**. Gostaria, portanto, que esta carta de Quaresma fosse um exame de consciência baseado nos diferentes aspectos de nossas vidas, começando pelas generalidades e indo até aos detalhes.

A Palavra de Deus (Hb 4, 12-16)

Tenho visto a Palavra de Deus como dinâmica, como uma parte importante da minha reflexão de cada dia? As leituras diárias da Eucaristia impulsionam-me a querer mudar minha vida? Ajudam-me a aprofundar meu compromisso de seguir Jesus?

Oração e meditação (Ose 2, 16)

"Por isso, eis que vou, eu mesmo, seduzi-la, conduzi-la ao deserto e falar-lhe ao coração". Nosso tempo para a meditação pessoal e a oração é um tempo no deserto, como são estes 40 dias de Quaresma. Tenho-o como uma ocasião de aprofundar minha comunhão com Deus? Tenho sido sensível à presença de Deus neste momento de oração? Deixo Deus falar ao meu coração? Compreendo que esta oração pessoal é um lugar privilegiado, um espaço para distinguir a ação de Deus em minha vida? Na minha oração sou humilde diante de Deus? Abandono-me, tenho confiança em Deus? Permito à misericórdia de Deus purificar meu coração? (Parafrazeando uma observação feita pelo Bispo Oscar Romero, mártir de São Salvador: A oração pessoal é o caminho pelo qual Deus nos conduz ao mais profundo do nosso ser, ao mais profundo de nossos corações e onde Deus nos fala do seu amor por nós).

Os Sacramentos, particularmente a Eucaristia (Jo 6, 48-58) e a Reconciliação (Luc 15,11-32)

Neste Ano em que celebramos de maneira particular a Eucaristia, nosso Santo Padre, o Papa João Paulo II, nos convida a refletir o seu significado em nossas vidas, e neste sentido proponho as seguintes questões: Tenho participado ativamente da Eucaristia ou sou freqüentemente distraída? Escuto cuidadosamente a Palavra de Deus durante a Eucaristia e deixo esta Palavra confrontar minha vida antes de me aproximar do altar do Senhor para receber a comunhão? Abro o meu coração à misericórdia de Deus e ao seu perdão? Recebo com fervor o Senhor na Eucaristia? Tenho visto a Eucaristia como um alimento para o caminho? Permito-Lhe me alimentar para poder desempenhar bem minha missão? Compreendo realmente a Eucaristia como uma celebração comunitária?

No que diz respeito à Reconciliação, o texto da Escritura é a parábola do Pai misericordioso (filho pródigo). Quando foi que eu recebi pela última vez a misericórdia de Deus no Sacramento da Reconciliação? Tenho me preparado para este sacramento? Acontece, por vezes, esconder certos pecados mais sérios?

As virtudes características: Humildade, Simplicidade, Caridade

Humildade (Luc 18, 9-14)

Tenho reconhecido minha dignidade de filha de Deus, tendo a humildade de ver os dons que Senhor me deu e utilizo estes dons para sua glória ou para minha vaidade? Sou capaz de reconhecer meus próprios limites, minhas fraquezas, minhas imperfeições, minhas falhas diante dos outros? Tenho sido capaz de perdoar os outros e de pedir perdão pelas minhas ofensas?

Simplicidade (Luc 18, 15-17)

O meu coração é apenas para Deus? Sou transparente, sincera nas minhas relações com os outros? Procuo a verdade ou escondo-a de modo que eu não seja conhecida como sou?

Caridade (Luc 10, 29-37)

Amo somente a Deus de todo meu coração e também o meu próximo como a mim mesma? Esforço-me para concretizar o meu amor afetivo e efetivo? O meu amor é inventivo ao infinito ou tenho medo de amar? Minha caridade para com os outros é maternalista? Minha caridade liberta-me dos outros ou eu crio dependências? Trabalho em solidariedade com outros, para que a nossa caridade seja política, isto é, no sentido de mudar as estruturas injustas, de denunciar estas estruturas que mantêm os pobres oprimidos, impedindo-os de conhecer o verdadeiro amor de Deus por eles.

Vida Apostólica (2Co 5, 14a)

Vocês são membros de uma Sociedade de Vida Apostólica.

Tenho visto minhas obras Apostólicas e minha missão como parte da construção do Reino de Deus, que é um Reino de justiça, de paz, de amor e de reconciliação? Sou fiel aos compromissos assumidos na minha missão? Tenho sido fiel até o fim destes compromissos ou são vividos sem entusiasmo? Coloco a evangelização e o serviço dos pobres no centro da minha vida apostólica, mesmo que eu não esteja comprometida diretamente no serviço dos pobres? Alimento minha vida apostólica com a meditação das experiências vividas com os pobres? Os pobres me refletem realmente o rosto e o amor de Cristo? Tenho uma verdadeira paixão por Cristo e ao mesmo tempo uma paixão pela humanidade, mais particularmente pelos pobres?

Relação com a Igreja local (1Coríntios 12, 12-28a)

Considero-me como uma parte ativa da Igreja local, como uma colaboradora do Bispo? Os meus planos apostólicos coincidem com os planos da Igreja local onde estou inserida, ou minhas atividades apostólicas ou as da minha Comunidade são às vezes realizadas em paralelo com as atividades da Igreja local?

A Família Vicentina (Luc 4,18-19 e 2Coríntios 5, 14a)

Conheço membros de outros ramos da Família Vicentina? Tenho a preocupação de conhecê-los? Incentivo os membros da minha própria Comunidade a colaborar com os outros ramos da Família Vicentina? Reflito seriamente sobre o que nos dizem as Constituições e outros documentos escritos a este respeito, sobre o conhecimento da Família Vicentina e da colaboração com seus membros? Ocasionalmente reflito aos primeiros apelos que o Padre Maloney nos lançou, considerando-nos como Família Vicentina, como um grande exército podendo unir suas forças para realizar coisas maravilhosas em favor dos pobres? Reconheço a autonomia de cada um dos ramos da Família Vicentina? Tenho às vezes a tendência de pensar que o meu ramo é superior aos outros? Quando existem tensões entre os diferentes ramos da Família Vicentina, tenho feito esforços para trabalhar pela reconciliação?

Relação com os jovens (Luc 24, 13-35)

A Família Vicentina nos pediu para fazer deste Ano "o Ano da juventude". Esforço-me para reunir os jovens, tentando compreendê-los, ouvi-los, partilhar-lhes minha fé, minhas esperanças? Tenho feito esforços para convidar os jovens à vida da minha Comunidade ou sou muito atarefada em meus próprios afazeres, não tendo tempo para me ocupar especialmente com os jovens?

Relação com o mundo (Mateus 5, 1-12)

Na sociedade em que vivemos como também no serviço direto dos pobres, tenho feito esforços para mudar as estruturas, particularmente aquelas que são injustas e oprimem os pobres? Tenho deixado as atitudes do mundo tal como o nacionalismo, o racismo e outras discriminações afetar a minha relação com o povo de Deus? Tenho mostrado vontade de trabalhar com outros grupos que lutam pela justiça, trabalham pela paz? Acredito que a razão mais forte é sempre a melhor ou penso realmente que um dos aspectos essenciais do caminho da vida evangélica é um caminho de não violência? Considero-me cidadã do mundo, como sendo mais importante que o fato de ser cidadã de um País específico?

Os votos: Serviço dos pobres, Castidade, Pobreza, Obediência

Serviço dos pobres (Jo 13, 2-15)

Tenho realmente uma atitude de serva nas minhas relações com os pobres? Estou atenta a todas as formas de pobreza entre as pessoas que eu sirvo? Procuo não somente

responder aos gritos dos pobres, mas também a ajudá-los a superar sua pobreza e a lutar com eles para romper com as cadeias que os oprimem?

Castidade (Luc 10, 25-28)

Considero o dom da castidade como uma maneira especial de amar os pobres? Considero a minha relação com o Cristo como uma relação pessoal, ou mesmo íntima? Considero que as minhas primeiras e melhores amigas são as Irmãs da Comunidade? Tenho relações sadias com os homens? Presumo às vezes da minha própria força, traduzindo assim um sentimento de amor próprio, de amor egoísta de mim mesma? Sou honesta nas minhas relações com os outros ou, indo além, sou honesta na confissão em relação às minhas relações com os outros? Vejo a solidão como uma inimiga ou antes como alguém que eu posso tratar como amiga, vindo para me ajudar a melhor me conhecer e em seguida melhor conhecer o Deus que vive no profundo de meu ser?

Pobreza (Luc 12, 32-34)

Sou habitualmente desapegada dos meus bens ou deixo-me possuir por eles? Estou instalada num estilo de vida confortável? O meu estilo de vida é escandaloso para os pobres eu que sou chamada a servir e diante dos quais devo dar testemunho? Compartilho com outros os bens que possuo? Sou generosa dando aos pobres, partilhando com eles o que tenho? Conheço bem os ensinamentos da Companhia em relação ao voto de pobreza? Tenho acumulado riquezas pessoais sem comunicar às autoridades competentes? Compreendo que todos os bens da Companhia são Patrimônios dos pobres? Tenho faltado com respeito para com este Patrimônio?

Obediência (Luc 22, 39-44)

Jesus, sempre obediente ao Pai, é o modelo da nossa obediência. Considero a minha relação suficientemente pessoal com o Cristo para conhecer claramente à vontade de Deus sobre mim? Tomo tempo para escutar Deus que me fala nos diferentes acontecimentos que ocorrem na minha vida diária? Estou atenta aos sinais dos tempos, compreendendo claramente que Deus se revela Ele mesmo em todos os acontecimentos que se produzem no mundo em que vivemos hoje? Sinto-me capaz para estudar e fazer as análises sociais das realidades que me cercam, realidades do mundo no qual vivemos? Estou aberta ao diálogo na minha Comunidade de modo que juntas como irmãs nós possamos chegar a distinguir a vontade de Deus sobre nós no nosso serviço dos pobres? Participo ativamente nos projetos comunitários e nos planejamentos, tão bem como nos encontros e comunicações com a autoridade competente? Aceito sacrificar os meus próprios desejos pessoais pelo bem da missão e as necessidades dos pobres, após um processo de discernimento e de tomadas de decisões, mesmo quando a minha opinião é contrária a da autoridade competente? Estou disposta a obedecer? Dou prova de boa vontade para obedecer no que diz respeito às colocações, quando sou convidada a me deslocar de um lugar a outro? Sou disponível?

Conclusão

Este tempo de Quaresma é um tempo para nos abirmos à misericórdia de Deus, mas ao mesmo tempo para nos darmos conta dos nossos próprios limites e nossos pecados. É verdade que pensamos e agimos frequentemente em contradição com o Evangelho. Aquele que diz que não tem necessidade de conversão, que está sem pecado, mente, como o afirma claramente São João, ou pior ainda, está cego sobre sua própria situação. A Quaresma é um tempo em que Deus, na sua misericórdia, perdoa-lhes, vocês suas filhas, quando estão afastadas de sua própria identidade de Filhas da Caridade. Estejam dispostas a reconhecer diante do Senhor suas faltas, seus pecados e ao mesmo tempo acolher a misericórdia de Deus.

O irmão em São Vicente,
G. Gregory Gay, C.M.
Superior Geral

**PROJETO DE ESTUDO DAS CONSTITUIÇÕES
COM A AJUDA DE 12 FICHAS PUBLICADAS NOS ÉCOS**

Uma ficha, de dois em dois meses, durante dois anos

1ª Ficha: A Companhia na Igreja

Decreto de aprovação da Santa Sé,
Carta de apresentação dos Superiores Gerais;
Origens da Companhia (p. 5 - 20)
A Companhia na Igreja (C. 1-6).

2ª Ficha: Vocação e missão da Companhia

C. 7-15, 23,26; E. 7-14

3ª Ficha: Vida das Filhas da Caridade; Voto específico

C. 16-26; E. 1-14

4ª Ficha: Prática dos Conselhos Evangélicos

C. 27-31; E. 15-18

5ª Ficha: Comunidade fraterna para a missão

C. 32-27; E. 19-24

6ª Ficha: Membros

C. 38-48; E. 25-31

7ª Ficha: Formação

C. 49-59; E. 32-42

8ª Ficha: Governo: Princípios Gerais e Governo Geral

C. 60-71; E. 43-52

9ª Ficha: Governo Provincial

C. 72-80; E. 53-62

10ª Ficha: Governo local

C. 81-83; E. 63-67

11ª Ficha: As Assembléias

C. 84-87; E. 68-71

12ª Ficha: Administração dos bens temporais

C. 88-95; E. 72-76

Além das fichas e, ao mesmo tempo, outros temas poderão estar em estudo, por exemplo, “as Normas Provinciais”, “a participação, a co-responsabilidade e a subsidiariedade”, “a pertença”, “a secularidade...”, todos estes temas serão estudados em relação às Constituições renovadas.

Cada ficha de trabalho compreende as seguintes partes:

O título com os números das Constituições e os Estatutos correspondentes.

I - A introdução: Para localizar o tema e situá-lo no seu contexto nas Constituições renovadas e, se necessário, serão dadas as indicações práticas para trabalhar a ficha.

II - Desenvolvimento do conteúdo da ficha: a desenvolver em várias páginas.

III - Questionário para ajudar a "oração – reflexão pessoal" e para as partilhas comunitárias (inter-comunitárias ou provinciais...)

IV - Lista de algumas leituras complementares para aprofundar os conteúdos da ficha correspondente: textos dos Fundadores, documentos da Igreja, artigos diversos...

"Por ocasião da minha festa, a de Natal e do Ano Novo, recebi numerosas cartas de felicitações. Obrigado por todos os detalhes que me deram. Gostaria de responder pessoalmente cada uma, mas espero que compreendam que é realmente difícil.

Então, por meio do Eco da Companhia aproveito para agradecer-lhes os votos de boas festas, de alegria e de paz por ocasião do Natal e Ano Novo. Peço ao Senhor abençoar cada Irmã bem como as suas Comunidades. E faço votos para que tenham a força necessária, ao longo de todo este ano de 2005, para que possam realizar o serviço dos pobres como os nossos fundadores o quiseram.

Com afeição do irmão em São Vicente.

Padre Javier Alvarez, cm

1ª Ficha: A Companhia na Igreja

1ª Ficha de estudo sobre as Constituições renovadas

A COMPANHIA NA IGREJA

(Decreto de aprovação,
carta dos Superiores Gerais,
Origem da Companhia: p. 5 – 20
e a Companhia na Igreja: C. 1-6.

I. INTRODUÇÃO

No fim da carta de apresentação das Constituições renovadas, os Superiores Gerais nos aconselham: "*que a Companhia engaje-se num processo ativo e contínuo de formação, a fim de bem assimilar as Constituições*". Eles acrescentam: "*Pedimos às Visitadoras que*

organizem no decorrer dos dois próximos anos, em cada uma das Províncias, oficinas nas quais as Constituições serão estudadas e digeridas, capítulo a capítulo, e mesmo, parágrafo por parágrafo".¹ Em vista do pedido que foi formulado, o P. Fernando Quintano e eu mesmo, apresentamos às Províncias, nos "Ecos da Companhia", as 12 fichas de trabalho previamente anunciadas. Como a publicação da revista é bimensal, o trabalho de reflexão apresentado durará dois anos. É justamente isto que recomendam os Superiores Gerais.

Não se trata aqui apenas de uma possibilidade oferecida gratuitamente para facilitar o trabalho de aprofundamento, que cada Província e cada comunidade pode ou não utilizar. Provavelmente, quando esta primeira ficha chegar a vocês, muitas Províncias na Companhia já terão o seu próprio projeto de estudo, para assimilar e aprofundar as Constituições, este projeto já está talvez em curso de realização. Estas Províncias, certamente, podem continuar seu próprio método de trabalho.

No que se refere a esta primeira ficha, podemos ver que o seu desenvolvimento é mais importante do que o indicado no título. Este responde ao tema principal, mas nesta ficha, incluímos também os pontos que precedem o primeiro capítulo: o decreto de aprovação da Santa Sé, a carta de apresentação dos Superiores Gerais e a introdução, (Origens da Companhia).

II. DESENVOLVIMENTO DA FICHA

Nós não pretendemos desenvolver todos os pontos que fazem parte desta primeira ficha. Isto seria impossível. Nós nos contentaremos em ver os aspectos que nos parecem mais importantes. Não temos a pretensão de oferecer um estudo exaustivo sobre os pontos escolhidos, porque, neste caso, a ficha seria muito longa. Apenas pensamos de oferecer-lhes algumas reflexões para ajudá-las a aprofundar o conteúdo.

PORQUE E COMO OS TEXTOS DAS CONSTITUIÇÕES E ESTATUTOS DE 1983 FORAM REVISADOS E RENOVADOS?

No momento da revisão das Constituições de 1983, todo mundo estava de acordo em afirmar que estas Constituições eram realmente boas. Fazia apenas 20 anos que elas guiavam a Companhia na maneira de viver o Carisma herdado dos Fundadores. Porque então, falar de revisão para as Constituições que não tinha ainda perdido nem a sua força nem a sua atualidade? A resposta, nós a encontramos na palavra de abertura de Irmã Juana Elizondo, então Superiora Geral, às Visitadoras por ocasião de seu Encontro em Roma no mês de Maio de 2000: *"Cada período da História da Companhia exigiu a revitalização do carisma e do espírito, para melhor cumprir sua missão, segundo as circunstâncias exigidas pelo tempo. Durante anos e mesmo séculos, a necessidade de revitalização, sempre presente, exigia um ritmo menos acelerado, porque era também assim o ritmo da evolução da vida em geral. Hoje, a experiência nos mostra que a evolução mais rápida dos tempos, nos obriga a ficar em estado de alerta para agir em consequência, a fim de que o carisma mantenha seu valor primitivo."*²

A esta reflexão, é necessário acrescentar a proposta aprovada pela Assembléia Geral de 1997 que pedia "revisar as Constituições à luz da inculturação". Evidentemente, esta proposição não deve ser interpretada como uma rejeição das Constituições de 1983, mas como uma constatação dos novos valores, e novas sensibilidades, surgidas nestes últimos 20 anos, e podendo ser integradas às Constituições de 1983 para enriquecê-las. É pela mesma razão que certas expressões foram substituídas por outras que estão mais conformes com a teologia da nossa época e a espiritualidade vicentina. Além disso, a Assembléia Geral também constatou que certos contra-valores, que existem na cultura atual são perigosos para alguns

aspectos do Carisma da Companhia. Então, esta constatação levou a reforçar certos artigos das Constituições. Em resumo, com a revisão das Constituições, o Carisma é mais encarnado e melhor inculturado, permanecendo fiel aos Fundadores.

Que procedimentos foram adotados para revisar e renovar o texto das Constituições? O que nos guiou, foram os dois critérios indicados pelo Concílio Vaticano II quando ele fala da renovação da vida consagrada e das Constituições das diferentes Congregações que existem na Igreja: o retorno à inspiração original e, ao mesmo tempo, uma adaptação às novas condições de existência ³. Os dois critérios devem ser aplicados juntos. Isto foi feito. Se tivéssemos nos dado conta unicamente do primeiro, teria havido uma fixação sobre o passado, um retorno extra-temporal à história, sem nenhuma incidência sobre o presente. Se tivéssemos levado em consideração somente o segundo, as Constituições estariam a mercê das correntes em moda, com o risco de perder ou enfraquecer a sua identidade. Também, para compreender e assumir as Constituições renovadas, é necessário considerá-las através destes dois critérios: a identidade e a atualização.

APROVAÇÃO DA SANTA SÉ (p.5)

Como podemos ver, a aprovação da Santa Sé foi feita através de um decreto da Congregação para os Institutos de vida Consagrada e as Sociedades de vida Apostólica. Neste documento, há uma alusão às Constituições de 1983, à Assembléia Geral de 2003, bem como à análise detalhada feita pela Santa Sé do texto que lhe foi apresentado. O decreto termina pelo desejo que a prática destas Constituições sirva às Filhas da Caridade para viver sua vocação, a exemplo dos Fundadores.

Esta aprovação significa que a Igreja reconhece, que os dois objetivos fixados pelo Concílio Vaticano II foram atingidos, fidelidade ao projeto original dos fundadores sobre a Companhia, e fidelidade ao que Deus pede hoje pelos sinais dos tempos.⁴ Evidentemente, este Decreto de Aprovação quer nos dizer que as Filhas da Caridade podem estar certas que, na medida em que viverem as Constituições, serão fiéis à vontade de Deus.⁵ Seguindo este caminho, tão bem traçado, poderão chegar à perfeição de seu estado. O próprio São Vicente nos garante isso quando fala às nossas primeiras Irmãs, em 29 de setembro de 1655, sobre a observância das Regras: "*Não são os homens que as inventaram; é Deus mesmo que as inspirou... por último são recebidas na Igreja; o que é ainda uma marca muito segura de que são de Deus, como dissemos, dado que ela não aprova senão o que vem de Deus*"⁶

CARTA DOS SUPERIORES GERAIS (p. 7 - 11)

Mesmo que ela faça parte do livro, não pertence ao texto das Constituições. Ela não é menos importante. São os Superiores Gerais que devem promulgar as Constituições aprovadas pela Santa Sé: "*nós fixamos o dia 29 de novembro de 2004 a data em que estas Constituições entrarão em vigor*" (p. 11) e o fazem precisamente por esta carta que comentamos. Prolongam no tempo a autoridade de São Vicente e de Santa Luísa sobre a Companhia. A carta assinada pelos dois Superiores Gerais quer dizer, também, que as Constituições respondem ao projeto dos fundadores sobre a Companhia e que não há nada nelas que não esteja de acordo com o Carisma e o espírito vicentino. Assim o decreto e a carta podem ser considerados como um "selo de garantia".

Do ponto de vista do conteúdo, esta carta é o pórtico de entrada das Constituições. Não apenas porque está situada no início, mas porque a sua leitura nos impulsiona realmente a lê-las cuidadosamente. Os Superiores falam das Constituições em termos de "espaços consagrados", sem dúvida para nos convidar a aproximar-nos com a atitude daquele que sabe que está diante de algo que o excede. Na Sagrada Escritura, quando Moisés levava a pastar o

rebanho do seu sogro Jetro, viveu algo que o atraiu: uma moita que queimava sem se consumir. Impulsionado pela curiosidade aproximou-se, mas imediatamente escutou uma voz que lhe dizia: "*Moisés, não te aproximes daqui... o lugar que tu pisas é uma terra santa*" (Ex. 3, 5). A imagem Bíblica pode servir para mostrar a disposição, a veneração com as quais as Filhas da Caridade devem receber as Constituições renovadas.

Por outro lado, os três espaços consagrados, criados pelas Constituições, o espaço interior "Doadas a Deus", o espaço do serviço "para o Serviço dos Pobres" e o espaço comunitário "em Comunidade", são como as três asas que permitem às Filhas da Caridade voar livremente para Deus se realizando como pessoas. Esta idéia se apóia sobre a citação muito sugestiva de São Vicente comentada pelos Superiores (p. 10)

ORIGENS DA COMPANHIA (p. 15 a 20)

Com este título, as Constituições começam uma parte por um breve resumo histórico das diferentes etapas do nascimento da Companhia, onde são apresentados os principais mediadores humanos: São Vicente, Santa Luísa, os pobres de seu tempo, Margarida Naseau, o Cardeal de Retz, o Papa Clemente IX... Certamente, todas as mediações humanas não deixam na sombra o verdadeiro autor da Companhia que é Deus, através do Espírito Santo. Isto aparece claramente em três ou quatro lugares.

O último parágrafo faz a relação entre o passado e o presente da Companhia: "*O apelo ouvido pelas primeiras Irmãs é sempre o mesmo que, no mundo inteiro, suscita e congrega as Filhas da Caridade. Esforçam-se por buscar na fonte as inspirações e as intuições dos Fundadores...*" (p. 19-20). Vamos começar o aprofundamento das Constituições com este duplo critério de fidelidade aos Fundadores e de atenção ao presente. Se isto serve para interpretá-las, ele nos ajudará também a discernir o nosso ser e a nossa tarefa na vida. Como podemos ver, é o mesmo critério que é duplo, proposto pelo decreto *Perfectae Caritatis* no nº 2, e que nós já comentamos no primeiro ponto desta parte.

Esta Introdução não é numerada como nas Constituições de 1983, porque que esta parte "Origens da Companhia" não pertence ao texto propriamente dito das Constituições. Trata-se de uma referência histórica do passado, que teve muito êxito. Como podemos ver, o estilo é muito diferente do resto das Constituições.

Em relação ao conteúdo, observamos:

- Uma referência aos pobres com a expressão "nossos Senhores e nossos Mestres". É a condição de serva que é sublinhada, com um outro aspecto importante: aprendem dos pobres e se deixam evangelizar por eles. São Vicente de Paulo escutou esta expressão pela primeira vez, em Roma, de acordo com o que ele mesmo diz na conferência de 19 de julho de 1640 às Filhas da Caridade: "*Ouvi ler a fórmula dos votos dos religiosos hospitaleiros de Itália, que era concebida nestes termos: "Eu, fulano, faço voto e prometo a Deus guardar em toda a minha vida a pobreza, a castidade e a obediência e de servir os nossos Senhores, os pobres".*"⁷ A expressão não é de São Vicente, mas, em contrapartida, a aplicação que ele faz na vida prática para ele e aqueles que o seguem, lhe é própria.

- A reprodução do famoso texto de Santa Luísa, conhecido pelo nome de "Luz" (Pentecostes de 1623) onde, entre outras coisas, ela tem uma visão da Companhia dez anos antes da sua fundação. Sabemos que Santa Luísa, neste momento, está angustiada por três razões: está indecisa a respeito do diretor espiritual; tem dúvidas sobre a imortalidade da alma; sua inclinação pela vida religiosa é contrariada devido o seu casamento. Este texto, no início

das Constituições, quer nos fazer compreender que a Companhia não é meramente uma obra humana. Indica-nos também o papel de Santa Luísa na fundação da Companhia.

A COMPANHIA NA IGREJA (cf. C. 1 a 6)

As Constituições começam situando a Companhia na Igreja, contrariamente aos precedentes, que situavam a Companhia na Igreja no fim do primeiro capítulo chamado "Vocação e Missão da Companhia". A mudança é lógica e, sem dúvida, reflete o pensamento que, para a Companhia, a Igreja deve ser a primeira e principal referência, visto que ela nasceu no seu seio, e que não tem outro objetivo que de estar a serviço de sua missão universal. É necessário observar que esta missão se situa na parcela que é mais cara a Deus: o mundo dos pobres e dos marginalizados. Também, antes de começar a desenvolver os diferentes aspectos da vida e da espiritualidade da Companhia, é necessário sublinhar que os diferentes carismas, incluindo o da Companhia, nascem e se desenvolvem na Igreja, para enriquecê-la. O nome oficial pelo qual a Igreja reconhece a Companhia é: "*Companhia das Filhas da Caridade de São Vicente de Paulo, Servas dos pobres*"⁸ Faz parte do grupo das Sociedades de Vida Apostólica, é de direito pontifício, isenta, participa da pastoral diocesana de acordo com o seu espírito e ao mesmo tempo tem uma vocação universal.⁹

Este sentido de Igreja recordado pelas Constituições, retorna ao pensamento e a vida de nossos fundadores. Para São Vicente, por exemplo, toda sua obra é eclesial, ele não faz nada fora da Igreja: quer sejam as missões populares, as conferências da terça-feira, a fundação das diferentes obras, ou a luta contra o jansenismo... Quanto ao nascimento da Companhia na Igreja, ela não nasceu com um projeto pastoral específico. As Filhas da Caridade trabalhavam em Paróquias como "Apóstolas da Caridade" para encarnar aí o "*evangelium caritatis*". As palavras de São Vicente que a Companhia considera como sua grande carta, ele as dirigiu às Irmãs enviadas para servir os pobres nas Paróquias. Os nossos fundadores tinham realmente o sentido de Igreja, de modo que isto os ajudou a considerar e colocar todos os acontecimentos da vida numa perspectiva eclesial e transcendente.

A leitura e a meditação deste primeiro capítulo das Constituições devem nos ajudar a compreender em profundidade, o que é a Companhia, como situar em verdade todas as dimensões de sua espiritualidade e de sua missão. É o que os diferentes artigos das Constituições e dos Estatutos nos apresentam nos capítulos seguintes.

SOCIEDADE DE VIDA APOSTÓLICA (cf. C. 1b)

O Código de Direito Canônico dá este nome às Congregações que não são nem Institutos de Vida Religiosa nem Institutos Seculares. Com a Companhia das Filhas Caridade, há na Igreja 36 outras Sociedades de Vida Apostólica. De acordo com Código¹⁰, quatro elementos caracterizam estas Sociedades:

1. Elas não fazem "votos religiosos". Cada Sociedade de Vida Apostólica assume os conselhos evangélicos de uma maneira diferente: umas o fazem por votos, outras por promessas ou outra relação determinada pelas Constituições de cada Sociedade. Mas nunca serão votos públicos ou religiosos. As Filhas da Caridade se comprometem em viver os conselhos evangélicos pela ligação dos votos que as Constituições definem como "*votos não religiosos, anuais, sempre renováveis*"¹¹. O objetivo dos votos na Companhia é "*de estar mais disponíveis para sua finalidade: o serviço de Cristo nos Pobres*" e confirmar pessoalmente o dom total a Deus¹². Em outros termos, a prática dos conselhos evangélicos na Companhia está sempre unido ao serviço de Cristo nos pobres.

2. **“Elas prosseguem um fim apostólico que lhes é próprio”**. Historicamente, as Sociedades de Vida Apostólica nasceram de uma necessidade apostólica. A Igreja as aprova justamente para que elas respondam ao objetivo pelo qual nasceram. Organizam seu estilo de vida, discernindo quais são as estruturas, os costumes de vida que devem conservar, atualizar ou abandonar, em função de sua finalidade. A fidelidade ao seu objetivo específico é por conseguinte, a razão de ser das Sociedades de Vida Apostólica. É lá que reside a causa da revisão de obras, da necessidade da disponibilidade, da flexibilidade e da organização de todos os elementos que constituem a identidade da Companhia em relação ao seu objetivo.

3. **“Vivem uma vida fraterna em comum”**. A vida fraterna é um benefício para o apostolado. A Igreja e São Vicente são conscientes disto. As novas Constituições retomaram esta idéia em sua nova maneira de falar da comunidade como "comunidade fraterna para a missão" (pág. 80). Por experiência, sabemos que quanto mais a vida fraterna em comum for de qualidade, mais o objetivo da Companhia será alcançado. A afirmação de que a vida comunitária possa ser hoje um obstáculo para realizar bem a missão é portanto totalmente incompreensível. Nós cremos, com a Igreja e com São Vicente, que ela será necessária cada vez mais para efetivamente realizar a missão, mesmo com as dificuldades que esta vida comunitária comporta. A urgência e a grandeza da missão confiada a cada comunidade deverão ser um estimulante para enfrentar com serenidade as dificuldades e, em caso algum, uma trave ou um obstáculo para a missão.

“Tendem à perfeição da caridade pela observância das Constituições”. De acordo com o Concílio Vaticano II esta quarta característica se refere a todos os cristãos.¹³ Os consagrados procuram progredir nesta observância de acordo com os diversos carismas, estilos de vida evangélica diversificado sob a inspiração do Espírito na Igreja. Obrigado Deus, a Companhia tem as Constituições renovadas que traduzem fielmente para o nosso tempo, o projeto original dos Fundadores a respeito da Companhia. As Filhas da Caridade podem estar certas de que chegarão à perfeição da caridade, ou seja a santidade evangélica, de acordo com o modo proposto por São Vicente, se elas vivem as Constituições. Este modo é diferente daquele da vida religiosa, tem um objetivo, um espírito, um estilo de vida, uma formação, uma comunidade, um modo de governo, próprio da Companhia. Tudo isto é a expressão da sua identidade específica na Igreja e no mundo.

A ISENÇÃO (cf. C. 1b, c)

Neste primeiro capítulo, a Companhia é definida como "*uma Sociedade de vida apostólica..., de direito pontifício e isenta*"¹⁴. As Constituições renovadas e o léxico explicam a finalidade e o sentido da isenção. Refletindo nisto, pode-se ver que, a isenção é uma concessão da Santa Sé pela qual a Companhia, por tudo o que é do Governo e do regime interno, não depende da jurisdição do Bispo Diocesano. Ela está sob a autoridade do Soberano Pontífice e dos Superiores da Companhia. O objetivo da isenção é proteger a autonomia interna da Companhia para que ninguém prejudique a fidelidade devida a seu carisma, nem o seu patrimônio espiritual e material¹⁵. Isto permite-lhe continuar plenamente disponível para responder às necessidades e aos eventuais apelos da Igreja universal.

A Companhia, em tudo o que se refere ao apostolado e à pastoral, permanece sob a jurisdição do Bispo. Também, deve levar em conta suas indicações a respeito da Pastoral Diocesana, colaborar com a caridade eclesial e estar em comunhão com todo o povo de Deus. A caridade e a comunhão se traduzem pela cordialidade, a aceitação e o respeito para com a autoridade. A isenção não serve para nos liberar da autoridade, não favorece a independência ou a indiferença, muito menos a confrontação teórica ou prática com a hierarquia. Por outro lado, os Bispos devem respeitar esta autonomia interna da Companhia e favorecer a vitalidade do seu Carisma próprio.

III – QUESTIONÁRIO PARA FACILITAR A REFLEXÃO PESSOAL E AS PARTILHAS COMUNITÁRIAS (entre Comunidades ou no Plano Provincial...)

- Comparar os textos das Constituições e dos Estatutos de 1983 (páginas V a X; 1 a 5; 19 a 21) com os textos das Constituições renovadas (páginas 1 a 25): Quais são as mudanças mais importantes que aí encontrou? Quais são as razões ou os critérios que motivaram estas mudanças?
- Lendo a carta dos Superiores Gerais, o que lhes parece mais importante?
- O que pensam da introdução que tem por título "Origens da Companhia"?
- Estão de acordo com o fato de que as Constituições comecem com o capítulo: "A Companhia na Igreja"? Por que?
- Verifiquem o sentido das seguintes palavras no léxico: "carisma", "constituições", "isenção", "autonomia interna", "Sociedade de vida apostólica" e "governo imediato" e façam alguns comentários a respeito da Companhia.
- Se já fizeram uma primeira leitura de todo o livro das Constituições, o que pensaram espontaneamente? É disto que efetivamente a Companhia necessita hoje?

IV – LEITURAS COMPLEMENTARES PARA APROFUNDAR O CONTEÚDO DESTA PRIMEIRA FICHA

- Conferência de São Vicente às primeiras Filhas da Caridade de 29 de setembro de 1655, cf. Coste X p. 105 a 121
- P. FERNANDO QUINTANO *Crítérios que inspiraram as mudanças introduzidas pela Assembléia nas Constituições e Estatutos. "Ecos da Companhia"* Janeiro – Fevereiro de 2004 p. 20 a 25

Padres Javier ALVAREZ, Diretor Geral
e Fernando QUINTANO, cm

¹ *Carta de introdução às Constituições renovadas*, p. 11

² Irmã Juana ELIZONDO, *chamadas à revitalizar...*, "Ecos da Companhia", julho-agosto de 2000 p. 261-262

³ Cf. *Decreto Perfectae Caritatis N° 2 ; Ecclesiae Sanctae N° 6*

⁴ Cf. JOÃO PAULO II *Exortação Apostólica Vita Consecrata N° 37*

⁵ Cf. C. 96 a

⁶ Coste X p. 110 Conferência de 29 de setembro de 1655

⁷ Coste IX p. 25; conferência de 19 de julho de 1640

⁸ C.1 a

⁹ Cf. C. 1 a 6

¹⁰ Cf. CDC, n° 731

¹¹ Cf. C. 28 a

¹² Cf. C. 8 b-c

¹³ Cf. LG, n° 39-40

¹⁴ C. 1 b

¹⁵ No século XIX houve várias tentativas para colocar as Filhas da Caridade sob a autoridade dos Bispos retirando-as do Superior Geral da Congregação da Missão. Durante o Concílio Vaticano I, o Cardeal Manning, Arcebispo de Westminster, Monsenhor Alemany, Bispo de São Francisco, e bem como outros tentaram obtê-la. Eles queriam que elas fossem consideradas como religiosas, não gozassem mais da isenção e pudessem intervir no regime interno (nomeação dos Superiores, poder dispôr dos bens da Companhia, nomear os confessores, fazer as Visitas Canônicas, etc...). A defesa apresentada pelo Padre Fiat sobre a identidade, a particularidade jurídica das Filhas da Caridade foi confirmada por um decreto do Papa Leão XIII e a Congregação dos Bispos e dos Religiosos (8 de Julho de 1882): "*Não se deve alterar nada do governo das Filhas da Caridade que pelos indultos pontificais pertencem ao Superior Geral*)

TESTEMUNHO DAS IRMÃS

Províncias do Brasil

Encontro dos Conselhos Provinciais em Curitiba

14 a 22 de outubro de 2004

100º aniversário

da chegada das Filhas da Caridade em Curitiba!

Aos 17 de outubro de 2004, a Província de Curitiba-Paraná-Brasil, celebrou o Centenário da vinda das três primeiras Irmãs polonesas ao sul do Brasil. A colônia polonesa de Abranches tornou-se então o berço da nova missão. Este aniversário oportunizou a escolha da Província de Curitiba para sediar o XVI Encontro dos 6 Conselhos Provinciais do Brasil. Irmã Evelyne Franc, Superiora Geral e Irmã Marlene Terezinha Rosa, Conselheira Geral para a Língua Portuguesa, puderam participar do Encontro realizado **de 14 a 22 de outubro de 2004**.

FOTO

Encontro dos 6 Conselhos Provinciais

Os Encontros Interprovinciais surgiram da necessidade de uma maior integração entre as seis Províncias do Brasil. Acontece a cada três anos, a fim de aprofundar juntos, o espírito vicentino, trocar experiências e prever as orientações para o próximo triênio. O tema do Encontro de 2004 foi: "**Ser Filha da Caridade**". A partir da sua própria realidade, cada Província apresentou a avaliação do objetivo precedente. "Revitalizar o Carisma para responder com mais fidelidade ao mundo de hoje".

"Nossa vocação é ir, não a um lugar... mas a toda a terra. Fazer o quê ? Abrasar os corações" dizia São Vicente. Frei Clodovis Boff, OSM, em sua palestra afirmou que São Vicente era uma pessoa que encantava. *"Ele foi um gigante na fé, na caridade e no conhecimento do mundo dos pobres. Apaixonado pelo Cristo Ele o vê lá onde ninguém o vê, particularmente no coração e na vida dos pobres"*. Depois, Ele nos convidou a nos deixarmos "re-encantar" por Jesus Cristo a fim de aquecer sempre mais o nosso coração de seu amor pelos pobres.

Em seguida, Mère Evelyne, nos apresentou a Vida Fraterna, como lugar teologal, onde pudemos fazer a experiência da presença mística do Senhor (cf. *Vita Consecrata*). Depois, abordou de modo bem claro e firme as cinco Linhas de Ação à luz da vida fraterna.

"Como revigorar nossa vida de Serviço frente aos desafios do nosso tempo: o crescimento do fosso entre ricos e pobres, e de uma massa de excluídos?". Irmã Inês de Barros Lima (Província de Fortaleza) nos falou da opção preferencial de Deus pelos pobres.

E por fim, o Padre Lourenço Kearns, Redentorista, refletiu sobre o tema da autoridade e da obediência religiosa mostrando as mudanças na maneira de exercê-las depois do Vaticano II.

Em primeiro lugar, as participantes puderam visitar a Sala de Lembranças e os Arquivos São José. Em seguida, saudaram as Irmãs idosas e doentes da Casa Betânia, os pobres da Casa São João Batista, onde participaram com eles de um jantar de

confraternização, e por fim às jovens do Colégio Vicentino São José que foi primeira casa da Província.

Centenário da Província de Curitiba

A celebração de Ação de Graças por ocasião do centenário da Província de Curitiba reuniu inúmeras Filhas da Caridade, Padres da Missão e membros da Família Vicentina.

A missa de ação de graças, foi presidida por Dom Ladislau Biernaski CM, Bispo Auxiliar de Curitiba e pelos 6 Diretores Provinciais. No decorrer desta, as bandeiras da França, Polônia e Brasil, foram reunidas para expressar a fraternidade que nos une numa única missão. Com efeito, três Irmãs Polonesas animadas pelas palavras de São Vicente: "*Ide, minhas Filhas, a esta missão longínqua, levai o amor de Cristo*", chegaram ao Sul do Brasil, no dia 17 de outubro de 1904, para fundar o Serviço da Caridade. Depois 49 outras Irmãs missionárias as seguiram.

Este aniversário foi uma ocasião para todos, envolvendo a Família Vicentina, funcionários e colaboradores, de viver momentos fortes de formação, de espiritualidade e de atividades culturais, procurando reviver os 100 anos de alegria, no serviço. Este ano jubilar permitiu:

- A concretização da "barraca da Solidariedade", organizada com o intuito de angariar fundos destinados à perfuração de um poço artesiano na região seca do nordeste do Brasil, onde trabalham as Filhas da Caridade da Província do Recife. Para isto, todas as Comunidades, participaram na confecção de trabalhos manuais e/ou atendimento da barraca aos domingos. O resultado superou as expectativas.

- A revitalização da Novena da Medalha Milagrosa com o lançamento de um novo livro de novena e a fundação da Associação da Medalha Milagrosa.

- A publicação comemorativa dos 100 anos, editada pela Província de Curitiba, em 2004, com o registro das casas e obras das Filhas da Caridade no Sul do Brasil.

- A realização de um vídeo resgatando a história dos 100 anos e de um CD (*disco compacto*) com cantos vicentinos,

- A criação de um Site na Internet para divulgar o Carisma.

Este centenário foi para nós um presente de Deus e um trampolim para continuarmos nossa missão e responder aos desafios que o Espírito nos faz perceber. "*Vós não tendes apenas uma história gloriosa a narrar, mas uma grande história a construir. Olhai o futuro para o qual vos projeta o Espírito, a fim de realizar convosco ainda grandes coisas*". (VC, 110)

Irmã Bernadete Valenga
Filha da Caridade
Correspondente dos Ecos

Testemunho das Irmãs

Províncias da América Latina e do Caribe

Encontro das Visitadoras
e de Conselheiras delegadas
na Guatemala
4 a 10 de dezembro de 2004

Foi na Guatemala, chamada também "País da eterna primavera", que se realizou **de 4 a 10 de dezembro de 2004**, o Encontro das Visitadoras e das Conselheiras delegadas das 15 Províncias da América Latina e do Caribe com Mère Evelyne Franc e Irmã Blanca Líbia Tamayo, Conselheira Geral para a América Latina.

Objetivos do Encontro

Após a palavra de abertura feita por Mère Evelyne que expressava a sua alegria de descobrir a realidade do Continente Latino-Americano e sobretudo a vitalidade da fé de sua Igreja, Irmã Blanca Líbia apresentou os objetivos deste Encontro:

- Entregar as novas Constituições
- Aprofundar alguns temas novos destas Constituições:
 - * A missão da Visitadora e de seu Conselho com Mère Evelyne.
 - * As Constituições, projeto de vida com Irmã Blanca Líbia.
 - * O Serviço da autoridade à luz das novas Constituições com o Padre Aaron Gutierrez, Diretor Provincial do México.
- Partilhar com Mère Evelyne sobre as nossas realidades, as nossas experiências de formação vicentina: CIEVI e outras propostas (Calí, México...), sobre as Linhas de Ação (Chile), e os novos apelos dos pobres...

Em primeiro lugar, Notre Mère compartilhou conosco que a Companhia recebia as Constituições e Estatutos renovados como um acontecimento que a comprometia a viver a Vontade de Deus na realidade do nosso mundo no 3º milênio. O novo texto das Constituições é um convite a abrir os nossos corações ao espírito que o anima, antes de querer mudar as normas. Por exemplo, o sentido da autoridade está renovado porque leva em conta a centralização e valoriza a subsidiariedade e o diálogo. Em seguida, Irmã Evelyne nos convidou a viver cada vez mais a partilha dos recursos humanos entre Províncias, reconhecendo a facilidade das partilhas graças à nossa língua comum. Com as Visitadoras, Irmã Evelyne recordou a importância da participação da delegação no Conselho e de fazer com que a formação seja uma prioridade.

Irmã Blanca Líbia pediu para fazermos a releitura da nossa vida vocacional, nos situando no coração da Igreja, para buscar caminhos de conversão pessoal e comunitário. Como o Concílio Vaticano II nos pedia, trata-se de voltar às fontes: Jesus Cristo, nossos fundadores e os sinais dos tempos. Encontramos nas Constituições renovadas pontos de insistência, mas também mudanças. Como a Assembléia Geral pediu, cada capítulo é iluminado por um texto doutrinal. O fio condutor de todo o livro é: "Jesus Cristo amado, reconhecido e servido na pessoa dos pobres".

O Padre Aaron nos ajudou a refletir sobre a maneira de exercer a autoridade. "Há, depois de vários anos, disse ele, uma crise de autoridade, não somente na Igreja, mas também na nossa sociedade. Para nós trata-se de reencontrar a maneira de Jesus e dos fundadores de exercer a autoridade. A autoridade de Jesus, que vinha da sua vida de relação com o Pai, se revelava nas suas palavras e suas atitudes de humildade, de proximidade com os pequenos, do acolhimento e respeito do outro tal como ele é. Os fundadores também, olharam Jesus e Maria para reproduzir a sua maneira de exercer a autoridade, e evitar toda forma de autoritarismo. A Companhia sempre se esforçou em viver a autoridade de maneira evangélica. Na última Assembléia Geral, as Irmãs aprofundaram o sentido da unidade na diversidade e a importância de um estilo de vida comunitária para o Reino, baseados nos valores evangélicos do amor".

Nós guardamos no coração a lembrança da presença do Padre Grégory, Superior Geral, e de sua homilia do dia 8 de dezembro: "As Irmãs enfrentaram situações duras de luta entre o bem e o mal. Onde ir procurar ajuda? Preenchendo-nos de Jesus Cristo, como dizem as Constituições e imitando Maria que colaborou livremente com o Projeto de Deus. Vocês também, colaborem livremente ao projeto de Deus, com suas Irmãs, através das Constituições, num contato direto com os Pobres que nos revelam o rosto de Jesus Cristo". Maliciosamente ele acrescentou: "Vou lançá-las na rua para que partam em sua procura. Vivam na paz, assumam o espírito específico, sobretudo a simplicidade e a verdade em suas relações. Que a humildade e a caridade de vocês expressem sua pertença a Família Vicentina".

O Cardeal Quezada Toruno, Arcebispo da Guatemala, nos recordou que ao assumirmos um serviço de autoridade, devemos aceitar a Cruz e permanecer mensageiras de esperança.

FOTO

No decorrer deste encontro, partimos em peregrinação sobre os passos de São Pedro Betancur. No dia da Imaculada, partilhámos a piedade do povo guatemalteco participando do rosário das 6 horas da manhã. Pudemos admirar a cidade de Guatemala com os seus edifícios e os seus costumes específicos, assim como o folclore da América Central com sua marimba e suas danças magnificamente interpretadas por um grupo de dançarinos profissionais e também pelas nossas Irmãs.

Cabe a nós partilhar "o que vimos e escutamos".

Irmãs Nohora Lucia ORTEGA (Bogotá), Maria Cristina TOLA (Chile), Mercedes LÉON (México)
Correspondentes do Encontro para os Ecos

TESTEMUNHO DAS IRMÃS

Províncias da Espanha

Encontro dos Conselhos Provinciais em Ávila

3 a 8 de novembro de 2004

Os Conselhos Provinciais da Espanha se reuniram de 3 a 8 de novembro em Ávila para trabalhar o tema: "**Do escrito aos novos desafios**".

Em primeiro lugar, Irmã Margarita Maria Pedraz, religiosa da Companhia de Maria, nos ajudou a refletir sobre "**A maneira evangélica de governar: Viver o governo como um serviço**", tomando por modelo o "bom Pastor". Como membros dos Conselhos Provinciais, nos é lembrado que, entre as nossas principais atividades, temos de entrar em relação com as Irmãs para apoiá-las e incentivá-las nas suas respectivas missões e reforçar o sentimento de pertença à Companhia.

Depois, Irmã Evelyne Franc, Superiora Geral, nos apresentou "**A nova configuração do governo na Companhia**". Ela nos convidou a ser audaciosas e realizar uma verdadeira reforma a partir de uma criatividade renovada. Citando Mère Guillemin, dizia que toda renovação passa primeiro pela renovação pessoal de cada uma. Com efeito, uma autêntica vida espiritual se traduz numa mudança de comportamento, uma mudança de espírito. A nova qualidade desta vida vivida na presença de Cristo que anima a nossa vida, vivifica todas as nossas relações comunitárias e nosso serviço dos pobres.

Em seguida o Padre Javier Alvarez, Diretor Geral, desenvolveu o tema "**A inculturação e a subsidiariedade nas novas Constituições**". Ele nos ajudou a esclarecer a importância das Normas

Provinciais e a necessidade de integrar a descentralização, a co-responsabilidade e a subsidiariedade para vivê-las nos planos comunitários e Provinciais, como uma prioridade. Depois, nos convidou a intensificar a nossa missão em colaboração com os leigos, especialmente com os membros da Família Vicentina.

Irmã Rosa Maria Miro, Conselheira Geral, interveio sobre "**A vida de relação nas novas Constituições**". Enfatizou a importância, por um lado da qualidade das relações comunitárias para um melhor serviço dos pobres e, por outro, o contributo da vida dos pobres como uma força que estimula na construção da vida fraterna. A vida de relação é hoje um desafio, do qual o mundo tem necessidade e, pode ser um sinal profético.

FOTO

O Padre Corpus Delgado, Visitador Provincial, falou do "**Itinerário da formação nas novas Constituições**". Ele nos lembrou que a formação é um processo que dura toda a vida e que se dirige a toda pessoa. Trata-se por conseguinte de facilitar esta formação contínua criando condições pessoais e comunitárias favoráveis.

Por último, Irmã Esther Seoanes, delegada nacional da JMV, nos convidou a considerar "**A Pastoral Vocacional e da Juventude**" como uma urgência e uma prioridade. Esta Pastoral supõe acolher os jovens como eles são, com as suas formas de expressão que podem, às vezes, nos desorientar. Para nós trata-se de estar atentas aos valores vividos por eles e colocar em prática um processo de discernimento vocacional.

Como conclusão, escutamos o apelo para nos deixarmos guiar pelo Espírito afim que o aprofundamento das novas Constituições nos faça passar "do escrito aos novos desafios". Temos uma história a viver com os pobres, um caminho a percorrer no meio do mundo. "O Senhor fez por nós maravilhas".

Uma participante do Encontro.

Testemunho das Irmãs

Províncias da Itália

Encontro dos Conselhos Provinciais em Nápoles
19 a 24 de novembro de 2004

De **19 a 24 de novembro de 2004**, realizou-se na Casa Provincial de Nápoles, o Encontro dos 5 Conselhos Provinciais da Itália. Num clima sereno e o olhar voltado para um futuro cheio de esperança, todos os membros viveram ali momentos de oração, de escuta, de avaliação, de projeto e de fraternidade. O tema geral do encontro foi: "**As Filhas da Caridade, sinais de esperança num mundo em mutação**".

O encontro começou com uma peregrinação à Pompéia, para confiar estes trabalhos à Virgem do Rosário. Em seguida, o Arcebispo de Nola, Monsenhor Beniamino Depalma, cm, de maneira original, nos sugeriu as vias a seguir para ir com esperança rumo ao futuro. Com base no 1 Livro de Samuel (17, 32-50), ele retrçou a situação sócio-cultural e religiosa atual, destacando três figuras:

- O gigante Golias, o homem que confia na força humana, símbolo da cultura da indiferença, do espírito de consumação, da desordem, do nivelamento.
- O rei Saul, o homem do medo

- O pequeno pastor Davi, jovem, sem experiência de vida, mas de uma grande fé da qual ele tira a força, a coragem e lhe dá o senso da responsabilidade, e a consciência de ser a garantia da liberdade de todo seu povo.

Frente ao novo Goliás que invadiu as nossas comunidades cristãs e religiosas, bem como a nossa própria intimidade, qual atitude assumir: a de Saul que é de se retirar, de se fechar em si mesmo, pensando unicamente em salvar o que pode ser salvo ou a de Davi que vai ao encontro do gigante com a sua funda?

Monsenhor Depalma nos convida a seguir Davi que tem, com ele, apenas 5 pedrinhas, símbolos dos meios indispensáveis para abordar o futuro com esperança:

- 1 – Cuidar da qualidade da nossa vida interior
- 2 – Converter-se ao Deus de Jesus Cristo, ao Deus pobre, fraco, crucificado, servo, que faz grandes coisas com os pequenos e os pobres.
- 3 - Colocar a Esperança contra toda forma de indiferença, apatia, resignação, conformismo.
- 4 - Praticar a paciência que é a virtude indispensável.
- 5 – Cuidar da qualidade do diálogo e das relações comunitárias.

FOTO

Mère Evelyne Franco, participando de nossos trabalhos, nos falou das mudanças trazidas nas novas Constituições, particularmente as referentes ao Governo Provincial e Local, valorizando os princípios de **subsidiariedade**, **co-responsabilidade** e **descentralização**. Em seguida, a partir de uma montagem audiovisual, ela nos apresentou o pensamento de Santa Luísa concernente ao ofício da Irmã Servente.

Anteriormente, Irmã Maria Rosa Camminati, Conselheira Geral, nos lembrou o caminho percorrido para chegar ao texto atual das Constituições nos convidando a assimilá-las e encarná-las no cotidiano.

Dom Mauro Cozzoli, professor de Teologia Moral na Universidade Pontifícia de Latrão, abriu nossos espíritos e nossos corações sobre vastos horizontes desenvolvendo o tema: "**A Esperança cristã, este fermento de Caridade**". Este último momento concluiu o encontro. Procuraremos viver no dia-a-dia a "paixão do possível" e o abandono confiante no Senhor, guia de nossos passos e luz de nossa estrada. O próximo encontro será na Sardenha em 2005.

Irmã Cecilia DI GIUSEPPE
Filha da Caridade

Testemunho das Irmãs

Província de Bogotá

"O mundo muda se eu me renovo"
CIEVI 2004

No dia 14 de agosto de 2004, 27 Irmãs de 13 Países se reuniram na Casa Provincial da Santa Fé em Bogotá, para viver a 4ª Sessão do CIEVI (Centro Internacional de Estudos Vicentinos). Após um caloroso acolhimento e um bom café colombiano, as Visitadoras de

Bogotá e do Cali, Irmã Hilda Aponte e Irmã Lúcia Gomez com as Irmãs animadoras introduziram esta nova Sessão.

No dia 15 de agosto, o Padre Gabriel Naranjo, Visitador da Colômbia, presidiu a celebração Eucarística onde cada uma das Irmãs depositou sobre o altar a bandeira do seu País, expressando assim a Internacionalidade da Companhia. Neste mesmo dia, partimos à Chinauta para viver lá um tempo de vida fraterna, conhecimento, ainda que já tivéssemos a impressão de nos conhecer graças a este mesmo espírito que habita em nós. Antes de começar realmente a Sessão de trabalho, pudemos partilhar juntos dos tempos fortes de oração, reflexão e lazer. Depois, fomos à Pinarès, perto de Bogotá. Lá, elaboramos uma norma comunitária para o nosso grupo Internacional do CIEVI 2004.

O programa de formação nos ofereceu vários tipos de oficinas que uniam diferentes aspectos da nossa vida de Filhas da Caridade. Estas oficinas tinham por objetivo reforçar a nossa identidade específica a fim de melhor responder aos novos apelos de hoje.

- A sessão começou por uma oficina sobre o **conhecimento pessoal**. O objetivo é de ajudar a melhor nos aceitar tais como somos, nos recordando que nascemos das mãos do criador: "a primeira terra que nós pisamos é a terra sagrada da nossa própria história".

- Em seguida uma oficina **de ética** nos permitiu refletir sobre os diferentes valores da vida. Não se trata de limitar-se à uma formação intelectual mas também de aprofundar a sua experiência de vida humana e espiritual, desenvolvendo os princípios e os critérios holísticos.

- A oficina da **realidade latino-americana e antilhanas** nos apresentou diferentes alternativas de Pastoral para orientar em Igreja os nossos serviços dos pobres num mundo globalizado que exclui tantas pessoas. Em meio a um mundo em crise, a vida consagrada propõe viver "diferentemente" e construir com outros um mundo mais justo e mais fraterno. Para nós, o estilo de vida se traduz pela solidariedade e comunhão. Cristo nos convida a sair incessantemente de nós mesmas e ousar ser profetas no nosso mundo de hoje...

- A oficina da **Pastoral Bíblica** nos permitiu aprofundar o quanto o seguimento de Cristo, pessoal e comunitariamente, nos provoca ao encontro e ao diálogo com Deus e os outros.

- Por último, a oficina do **Carisma Vicentino** nos ofereceu um estudo teórico e prático a partir da vida dos Fundadores. Constatamos, com muita alegria, que o nosso carisma continua muito atual; é por isso que nos sentimos chamados a crescer nesta espiritualidade nos comprometendo a colocar cada vez mais a pessoa dos pobres no centro da nossa vida. Irmã Blanca Líbia Tamayo, Conselheira Geral, nos apresentou as novas Constituições. Ela nos fez partir do impulso atual que anima a Companhia neste movimento de revitalização, o que suscitou algumas questões. Por fim, estudamos em paralelo a Cristologia de São Vicente e de Santa Luísa, a Antropologia do pobre e a Evangelização no mundo de hoje. No quadro desta reflexão, a nossa oração se tornou mais viva e mais cheia de criatividade, interpelando a nossa vida pessoal e comunitária.

A partilha das experiências de vida com os pobres reavivou o desejo de melhor viver nosso serviço. Como Filhas da Caridade, devemos ser místicas e proféticas, pois nos encontramos em lugares onde os Pobres são maltratados e excluídos. O nosso testemunho deve ser sinal de esperança. Rendemos graças a Deus pela troca intercultural muito rica que o CIEVI nos ofereceu, ajudando-nos a olhar a diversidade como uma riqueza.

No fim da Sessão, elaboramos juntas um **documento final** que reúne os compromissos que queremos colocar em prática na nossa vida diária. Confiamos a Maria, a Virgem sempre fiel ao plano de Deus, os projetos de vida de cada uma para que o mundo realmente se renove. "Não posso eu agir convosco como este oleiro... sim, como a argila na mão do oleiro, assim sereis vós na minha mão". (Jr. 18,6)

Irmãs Isabel Íris LUNA (Peru) e Maria Lazara FERNANDEZ (Cuba)
Participantes do CIEVI 2004

Testemunho das Irmãs

Província da França – Sul

Um centro de acolhimento e de formação para os imigrantes em Atenas (Grécia)

O domingo 24 de outubro de 2004, que encerrava a semana missionária, foi escolhido pela Igreja local para a inauguração oficial da nova missão das Filhas da Caridade em Atenas. Foram muitas as pessoas que responderam ao nosso convite para a celebração Eucarística após o meio-dia e o brinde da amizade. Vendo esta "multidão", pensei no texto do Apocalipse: "multidão imensa, multidão de todas as nações, raças, povos e línguas".

De onde vêm estas pessoas com diversos sotaques? Vêm da África, da Ásia, da Europa, da América. É um verdadeiro mosaico de Países: Alemanha, Croácia, Congo, Itália, Espanha, França, Malta, Canadá, Paquistão, Filipinas, Polónia... Todos se dirigem para o Centro de acolhimento nº 9 da rua Sorovits, em Atenas.

É nesta casa que Monsenhor Foscolos, Arcebispo dos católicos de Atenas, com dois bispos, o Padre Martinez, Diretor Provincial das Filhas da Caridade e numerosos padres concelebraram a Eucaristia. Católicos, Ortodoxos, Uniatas, e Maronitas participaram deste encontro, com grande amizade e fraternidade, para a alegria de todos. Os três andares da casa estavam lotados: adultos, jovens e crianças da Paróquia, técnicos e trabalhadores que participaram nos trabalhos da casa, Filhas da Caridade, representantes de uma dúzia de Congregações religiosas, amigos e conhecidos. Todos podiam acompanhar a celebração graças às televisões em circuito fechado, instaladas pelos imigrantes em vários lugares da casa.

Através de gestos simbólicos, os participantes valorizaram a colaboração de todos:

- Leituras feitas pelo arquiteto e o administrador da casa do "Bom Samaritano"
- Oferendas trazidas pelos imigrantes, os técnicos e trabalhadores, bem como pelo embaixador das Filipinas.
- Coral das crianças, adolescentes, jovens e adultos Filipinos, manifestando as diferentes etapas da vida em família humana e cristã. Cantos executados em várias línguas, das quais o grego, o inglês, o Filipino, o latim e para encerrar a celebração, um vibrante: "São Vicente, tu, o amigo dos pobres e dos pequenos..." na língua de Molière!

Na sua homília, Monsenhor Foscolos nos fez observar que o rosto da Igreja na Grécia muda graças a vinda de irmãos dos diferentes Países: "Temos necessidade, diz ele, de fundar Centros de acolhimento deste tipo nos diferentes lugares da Diocese. Devemos acolher "este mundo" que chega a nós, e nos ocupar de nossos irmãos em Jesus Cristo...". Monsenhor termina dizendo: "Não é que as Filhas da Caridade tenham muitas vocações mas, impulsionadas pelo Carisma dos seus Fundadores e o Espírito de sua Companhia, querem através deste Centro responder às necessidades do mundo e aos apelos da Igreja hoje".

No fim da missa, o arquiteto, como membro do Conselho Paroquial, tomou a palavra para agradecer às Irmãs sua dedicação e seu serviço junto aos Pobres. Ele terminou dizendo: "Este Centro é um dom do Céu para a nossa Paróquia". Na diversidade das línguas e culturas, agradecemos ao Senhor e confiamos-lhe as Irmãs desta Comunidade: Irmã Emma Rivero e o seu serviço junto dos imigrantes e refugiados; Irmã Maria Piszcz e o seu serviço junto das pessoas idosas do "Bom Samaritano" e prisioneiros; Irmã Emília Camarote e o seu serviço junto dos imigrantes e refugiados.

Após a cerimônia religiosa, um encontro fraterno ao redor de mesas belamente decoradas, bem equipadas e apetitosas, preparadas pelos grupos Vicentinos e Mariais dos nossos amigos Filipinos. Depois, cada um foi embora com o coração cheio de alegria e de esperança!

Um breve histórico

Há alguns anos, Irmã Maria Luísa Lemauf, Visitadora da Província Levant (que incluía a Grécia), tinha pedido à Província das Filipinas uma Irmã para assegurar um trabalho de colaboração ao serviço dos migrantes que chegavam na Grécia. O Senhor, como sempre, precedia as nossas iniciativas: o serviço dos imigrantes era também uma das prioridades da Província das Filipinas. Irmã Julma Néó, na época Visitadora – atualmente Conselheira Geral, por conseguinte respondeu rapidamente a este apelo e, em janeiro de 1995, acolhemos na Grécia a primeira Irmã Filipina, Irmã Emma Rivero.

No início, a missão junto dos imigrantes Filipinos (cerca de 15 a 20.000 pessoas em Atenas) começou por telefone. Depois, as salas da Paróquia foram abertas para acolhê-los, mas elas não estavam sempre disponíveis. Em seguida, a casa diocesana "O Bom Samaritano", onde as Filhas da Caridade estão a serviço das pessoas idosas, abriu igualmente as suas portas para acolhê-los. Mas havia um inconveniente: estava situada a dez quilômetros do centro de Atenas. Rapidamente, a necessidade de encontrar um outro lugar de acolhida se fez sentir. Em março de 2001, inauguramos "um Centro para os imigrantes" num apartamento alugado no centro de Atenas, que nós colocamos sob a proteção da Virgem da Medalha Milagrosa. Neste momento, desejávamos que este 'Pequeno Centro' se tornasse um lugar de acolhimento, de encontro, de formação, de lazer, de amizade e de oração. As palavras do Evangelho ressoam forte e claro: "Aquele que recebe um destes pequenos é a mim que acolhe".

Então, nós pedimos uma segunda Irmã à Província das Filipinas... Pouco tempo depois, este "Centro" se tornou realmente muito pequeno. Neste espaço de 100 metros quadrados, podíamos acolher dificilmente 150 pessoas por vez. Quando as crianças estavam lá, os pais deviam permanecer na escada, na entrada do edifício ou fora... Na angústia, o Senhor nunca abandona os seus!!! Em outubro de 2002, Irmã Emília, a segunda Irmã Filipina, chega, após ter passado um tempo no "Centro Missionário" na Casa-Mãe. Então, a Província nos ajuda a procurar um lugar maior onde pudéssemos estabelecer uma comunidade para o serviço dos imigrantes, prioridade da Companhia e da Igreja local.

Encontrar uma casa, não é sempre fácil... Finalmente, encontramos uma velha casa de três andares, no centro de Atenas num bairro onde viviam os migrantes, perto de uma Paróquia Católica, o que é muito rara em um País 98% Ortodoxo... Com muito amor, paciência, cansaço, as providências para a aquisição começam, mas... duram mais de cinco meses em razão do número de herdeiros que estão dispersos... Então é necessário esperar, sem perder a esperança... em seguida sucedem-se: reparações, normalizações, vigilância dos trabalhos, de andar em andar. Em dezembro de 2003, a Comunidade se instala no primeiro andar. Em fevereiro de 2004, o segundo andar fica pronto para assegurar a catequese dos imigrantes. Por último, o terceiro andar pôde acolher todos os que procuram regularizar a sua situação.

Estes dois últimos anos foram de provações mas, hoje, nós temos a alegria de poder acolher esta "imensa multidão".

Irmã Anna DOUNAVI
Filha da Caridade

TESTEMUNHO DAS IRMÃS

Província de Nápoles

**Uma casa de acolhimento para os imigrantes
"Santa Maria Goretti" em Bari**

"Dai-nos olhos para ver as necessidades e os sofrimentos de nossos irmãos e nossas irmãs!" A casa de acolhimento Santa Maria Goretti, administrada pelo serviço dos migrantes, encontra-se numa cidade onde há muitos imigrantes e pessoas marginalizadas. Aqui, voluntários e benfeitores se encontram com os mais pobres, oferecendo-lhes uma contribuição pessoal ou financeira. O Diretor desta casa de acolhimento é ajudado por duas Filhas da Caridade que trabalham em tempo integral e três outras religiosas das quais duas estão nos serviços de coordenação e de escuta. É o bispo, Monsenhor Raffaele Calabro, que havia pedido a presença de Irmãs para este serviço.

As Filhas Caridade asseguram a distribuição de 80 refeições quentes por dia na cantina, vestuários, cuidados de enfermagem e um serviço de higiene (chuveiros). Um serviço social foi criado para facilitar a obtenção de autorizações de residência, assistência médica, direito ao trabalho...

Ajudando os imigrantes frequentemente explorados, permite-lhes reencontrar sua dignidade e torná-los capazes de se reintegrar na sociedade e na Igreja. A casa tem um regulamento preciso para as condições de admissão e período de estadia. Entretanto, é sempre difícil encontrar alojamentos devido os aluguéis caros e a desconfiança de alguns proprietários frente os que vêm de certos Países. "Acolher o pobre, o doente, o estrangeiro, o prisioneiro, é dar-lhe do nosso tempo pessoal, acolhê-lo em nossa casa, entre os nossos amigos, colocá-los em nossa cidade e apoiá-los em suas negociações administrativas". A caridade é bem mais exigente do que um simples benefício ou um gesto ocasional porque compromete uma relação de pessoa à pessoa.

Dom Geremia ACRI
Diretor da Casa, diocese de Andria – Bari

Palavra dos Pobres

Província da França – Norte

“Ao lado deles”

Irmã Danièle, Filha da Caridade, animadora num centro hospitalar a mais de dez anos, nos apresenta:

- **O desenvolvimento de Sylviane**, chefe de escritório na direção deste Centro Hospitalar. Muito reacionária em relação à Igreja, descobre através de Irmã Danièle, um rosto de Deus que a interpela. O seu testemunho destaca o reconhecimento da missão da Filha da Caridade num meio profissional leigo e o impacto evangelizador desta vocação em uma pessoa de "poder local".

- **O testemunho de Jean-Claude** que acumulou várias formas de pobreza. Graças a uma equipe de cristãos "o Sappel" que se reúne regularmente para aprofundar sua fé, ele aprende a reconciliar-se com a sua própria história.

Sylviane

"É em 1992 que eu encontrei Danièle. Sou batizada, crente não praticante mas "zangada contra todos os sinais externos pertencente à religião Católica". Participei do recrutamento e o acolhimento de Danièle que chegava no estabelecimento para enquadrar várias pessoas em "contrato-emprego-solidariedade" (empregos precários). Pelas minhas funções de chefe de escritório na direção do estabelecimento, fui conduzida a encontrar frequentemente Danièle, tanto que nós partilhamos as nossas refeições. A sua simpatia, sua descontração, seu humor, sua proximidade dos mais necessitados e excluídos, seu propósito contra as desigualdades e a injustiça me fizeram pensar que ela era "esquerdista". Em seguida, soube que ela era "Irmã" (sem véu) e então descobri o que procurava para reavivar a minha fé. Uma serva de

Deus trabalhando como eu no meio das dificuldades e dos problemas dos outros. Eu era admiradora desta convicção que ela animava a ajudar as pessoas em dificuldade a saírem desta situação precária e a humanidade que ela manifestava para dar alegria aos doentes; tudo aquilo com muito rigor e ares ríspidos.

Vivi também um momento de descoberta e de alegria assistindo a renovação de seus votos para o qual havia me convidado. Nesta noite, levei em conta a minha fé em Deus e me tornei consciente do caminho a percorrer para chegar a possibilidade de comungar o Corpo de Cristo.

Por fim, a sua presença no enterro de meu pai me ajudou a compreender que este não partia para o nada mas para outra vida. Eu te agradeço, Danièle, por ter me colocado neste caminho".

Jean-Claude

Na carta de Jean-Claude dirigida ao seu Bispo para pedir o Sacramento da Confirmação, ele conta uma parte de sua história. Obrigado Jean-Claude por partilhá-la conosco. O teu crescimento nos interpela.

"Eu me chamo Jean-Claude Lendler. Tenho 53 anos. Habito em Saint Martin Tertre, uma pequena aldeia no Val d'Oise, França. Ainda pequeno, estive na Assistência Pública porque minha mãe com os problemas de meu pai, não podia cuidar de mim. Ele bebia muito e nos batia. Eu queria que Deus lhe tirasse a faca que tinha em suas mãos. Eu penso sempre nisso, não posso tirá-lo da cabeça.

Depois, fui para casa de uma ama de leite num outro departamento da França, o Caro. As pessoas eram muito agradáveis comigo. Vejo-as ainda. A vovó e o vovô já morreram. Esta notícia me chocou, mas eu soube muito tarde. Em seguida, estive no hospital porque a minha ama ficou doente. Depois de anos passados no hospital, a minha família de acolhimento veio me procurar para trabalhar na fazenda deles. Tinha 18 anos. Eu fiquei lá até 21 anos; depois fui novamente colocado no hospital durante dois anos.

Após, retornei com mamãe e minha tia em Saint Martin Tertre. Papai tinha morrido, ele havia se jogado na linha do trem. Foi a minha irmã que me disse. Ela, estava na casa das Irmãs. Vivi com mamãe e minha tia até 1998; Neste ano, ambas morreram. Quando elas me deixaram, fui obrigado a voltar ainda para o hospital. Os proprietários da casa que agente morava a tinham vendido e eu me encontrava na rua.

Habitantes da aldeia que me conheciam bem compraram uma pequena cabana de madeiras e a puseram no seu jardim; eu morei lá. Eles me ajudaram e eu vigiava o sobrinho deles, um Senhor muito deficiente. Eu lhe dava de comer. Eu o colocava na cama, lavava a louça, empurrava para fora a sua poltrona para que tomasse ar.

Após, tive uma tutora e uma pensão de invalidez. Quiseram me colocar numa casa para deficientes, mas eu não quis. Após dois anos, o prefeito da aldeia e minha tutora encontraram um alojamento nos HLM (Habitações de aluguéis moderados) e, agora, vivo neste alojamento com o meu cão Júnior que tinha sido abandonado na floresta e os meus dois gatos. Estou feliz na minha aldeia onde todos me conhecem. Presto serviços: guardar os cães, passear, às vezes vigiar as crianças, fazer pequenos trabalhos à domicílio, e as pessoas me pagam um pouco.

O grupo do Sappel

Quando estava no hospital de Saint Martin Tertre, ajudei a empurrar as poltronas rolantes de outros pacientes e, em seguida, durante um ano, vinha todos os dias como voluntário. Irmã Danièle me propôs vir em Persan encontrar outras pessoas que também têm desgraças na vida. Isto foi em 1998. Neste grupo, éramos dez que tínhamos muitas preocupações e sofrimentos. Reencontramo-nos todos os meses, partilhamos nossas infelicidades e nos consolamos. Rezamos, pedindo a Jesus que retire o mal, lemos o Livro do Senhor e dos Apóstolos, lemos a Bíblia e a explicamos. Desenhamos, e interpretamos os o que foi desenhado. Falando, as preocupações que eu guardava dentro de mim, diminuem. Até

lá, tinha o coração triste pela morte de minha mãe e de minha tia. Agora, eu sei que elas estão no Paraíso com Jesus e a Santa Virgem. As pessoas grupo do Sappel são os meus amigos. Juntos, fazemos muitas coisas: vamos à Lourdes, saímos para andar, tem dias que refletimos. Para pagar as nossas saídas, fazemos objetos que vendemos.

A Confirmação

Quando eu era pequeno, não pude fazer nada: nem catecismo, nem comunhão. Agora, eu posso. Em 2000, fiz minha primeira comunhão e todo mundo estava lá. Eu estava muito comovido. Estava no coração de todos os meus amigos. Eles me deram presentes. Dois anos mais tarde, Franck, que faz parte do nosso grupo, fez a sua Confirmação. Aquilo me deu a idéia de fazê-la. Desde então, eu me preparo e outros me ajudam. Gostaria que o Espírito de Jesus me dissesse tudo. Gostaria que a dor da minha vida parta do meu coração. Vejo que Franck, depois da sua Confirmação, vai bem melhor assim como sua mãe. Franck fala bem com Nicole que tem muitas dificuldades com seus filhos. Retornando a minha casa, digo a mim mesmo: "É incrível como ele fala tão bem assim!" Ele mudou muito. Não fala mais da mesma maneira. Para mim, é como um irmão. Tenho desejo de ser como ele. É sério e diz tudo. Ele sorri.

Li esta carta para todos os amigos do grupo. Isto me fez muito bem. Eu te agradeço, Danièle, por ter escrito a minha história que te contei".

NOTÍCIAS BREVES

130 Anos de presença em Ariccia

Para festejar o 130º aniversário da chegada das Filhas da Caridade nesta cidade, o Pároco do lugar, Monsenhor Pietro Massari, celebrou uma missa de Ação de Graças no dia 8 de outubro de 2004. Além de um grande número de amigos, estava o Prefeito, alguns membros do Conselho de Administração e uma dezena de membros da família dos Príncipes Chigi Albani della Rovere, descendentes da princesa Antonietta Sayn Wittgenstein, mulher do Príncipe Mario Chigi. Esta senhora da nobreza, querendo melhorar as condições humanas e espirituais do povo, havia organizado a criação de uma Escola Maternal e Elementar para as crianças pobres. Tendo sabido que as Filhas da Caridade de Roma ensinavam há mais de 20 anos, as crianças mais pobres, entrou em contato com os Superiores de Paris para lhes pedir 3 Irmãs. A resposta foi positiva e um contrato foi assinado no dia 17 de setembro de 1874.

As obras aumentaram rapidamente: Creche, Escola Maternal, Escola Elementar, Ateliê externo, pequeno Hospital Ortopédico, Sanatório, Farmácia (a primeira e única do País). A visita dos pobres a domicílio foi o terreno de um apostolado particularmente fértil. O Domingo era reservado à Associação das Crianças de Maria e a quinta-feira, às crianças do catecismo. Uma estreita colaboração criou-se entre as Irmãs, a Princesa e a população. Perante numerosas aflições trazidas pela primeira e a segunda Guerra Mundial, as Irmãs não cessaram de socorrer os pobres não apenas com bens materiais mas também por sua amizade.

Monsenhor Luca Brandolini, cm, o Bispo de Sora-Aquino-Pontecorvo, presidindo Eucaristia, fez memória do tempo onde ele animava as Crianças de Maria em Ariccia. É em nome desta Associação que uma delas agradeceu as Filhas da Caridade pelo testemunho de suas vidas. Um álbum de lembranças foi organizado com centenas de fotografias que relatam estes 130 anos de história. Esta vida de serviço continua ainda hoje, a responder às novas necessidades dos pobres. (Província de Roma).

NOTÍCIAS BREVES

Ação de graças... novo início

No dia 12 de novembro de 2004, as Filhas da Caridade da Coréia festejaram o início do **25º Ano de sua presença na Coréia** através de uma solene celebração onde estavam presentes a Conselheira Geral da Ásia, Irmã Julma Neo, as Visitadoras das Filipinas e do Japão, Irmã Maria Teresa Muedra e Irmã Madeline Hara, as primeiras Irmãs japonesas, Irmã Batista Casper e Irmã Jeanne Kinashi e todas as outras Irmãs que trabalharam na Coréia.

Com efeito, mesmo se as primeiras Irmãs japonesas chegaram na Coréia, no dia 11 de abril de 1975, tiveram que esperar cinco anos para que a primeira Comunidade fosse legitimamente constituída no dia 27 de dezembro de 1980. Até 1995, as 3 Comunidades da Coréia dependiam da Província do Japão; agora, elas estão unidas à Província das Filipinas.

Neste Ano preparatório ao 25º aniversário, numerosas Sessões estão previstas para refletir a formação, a Pastoral das Vocações e o Serviço dos Pobres. (Província das Filipinas)

NOTÍCIAS BREVES

Nova implantação nas Ilhas Cook

As Ilhas Cook estão situadas no centro do Oceano Pacífico Sul, a Leste da Austrália, mas precisamente, entre Tonga a Oeste e a Polinésia Francesa a Leste, entre as Ilhas Havai ao Norte e a Nova Zelândia ao Sul. Formadas de quinze Ilhas que se estendem por uma vasta região cerca de dois milhões de quilômetros quadrados, as Ilhas Cook contam com uma população de 21.000 habitantes. As sete Ilhas situadas mais ao Norte, são pouco povoadas e cercadas de recifes de coral; as Ilhas do Sul são mais elevadas, vulcânicas e férteis, e protegem a maior parte dos habitantes.

No dia 8 de dezembro de 2004, cinco Irmãs partiram de Sydney para Auckland, em Nova Zelândia, com Irmã Margaret Barrett, Assistente Geral, e Irmã Céline Quadros, Visitadora da Austrália. No **domingo 9 de Janeiro de 2005**, as Irmãs tomaram avião para sua nova missão nas Ilhas Cook. Três dentre elas são Americanas, a quarta é Irlandesa e a quinta Australiana. As Irmãs vão começar seu serviço em Rarotonga e Mauke, a serviço da Paróquia e de um Centro – dia para as pessoas deficientes. (Província da Austrália).

NOTÍCIAS BREVES

A Escola do Carisma Vicentino

Em 2002, a equipe de "Pastoral Jovem" da Província de Nápoles programou, durante dois anos, a Escola do Carisma Vicentino com uma sessão de 8 dias por Ano (exposições, oficinas, partilha em grupo) e um trabalho pessoal realizado a partir de fichas. O objetivo era ajudar os participantes a entrar na inspiração carismática dos Fundadores, propondo-lhes um método para aprofundar o carisma e decifrar os critérios de aplicação para hoje, buscando como inculturá-lo e favorecer a unidade entre os membros da Família Vicentina. *A Escola reuniu 35 participantes*: Filhas da Caridade, Padres da Missão, leigos vicentinos.

O primeiro Ano permitiu o aprofundamento do contexto histórico dos Fundadores, os Escritos Vicentinos, o itinerário humano e espiritual dos Fundadores, a Gênese dos diferentes ramos da Família, as noções da antropologia cristã, as raízes Bíblicas e Teológicas da caridade e a Doutrina Social da Igreja.

O segundo Ano permitiu explorar o Carisma de 1660 até a Revolução Francesa, e da Revolução Francesa até o Vaticano II: aprofundar a questão feminina através da obra dos

Fundadores, o Carisma no mundo da educação, da saúde e sua Ação Social; de refletir as virtudes do espírito vicentino e de sua necessidade para a Nova Evangelização; de estudar a espiritualidade do Laicato Vicentino, da Família Vicentina e sua mensagem significativa no contexto Italiano; a releitura do Carisma na era pós-moderna. Um terceiro Ano foi programado para continuar o aprofundamento. (Província de Nápoles)

NOTÍCIAS BREVES

Lançar as sementes para colher no futuro

O curso de Catecismo em Liu Kuei, com Irmã Angelina Tamayo, é aberto às crianças de todas as crenças; há Católicos, Budistas, Protestantes e mesmo crianças sem religião. Uma vez, um jovem sem religião veio ao curso com quatro colegas. Mas estes nunca retornaram. Um dia, Irmã Angelina encontra-os quando andava de bicicleta. Ela os convida a retornarem ao catecismo, mas eles lhe respondem que seus pais não queriam que fossem à Igreja Católica. Mas antes de continuar o caminho, eles lhe dizem: "nós gostamos do teu Jesus". Isto poderia parecer uma tentativa de Evangelização não frutuosa! Apesar de tudo, Jesus sabe tocar os corações. (Província Chinesa).

A CONGREGAÇÃO DA MISSÃO HOJE

Família Vicentina

A Congregação da Missão hoje

Uma Congregação deve focalizar-se incessantemente sobre as suas verdades fundamentais. Para a Congregação da Missão, a declaração pela qual Jesus se revela na sinagoga de Nazaré é central entre estas verdades: “*Enviou-me para anunciar a Boa Nova aos pobres*” (Lc 4,18).

Mas não é suficiente repetir as palavras de Jesus. Cada geração deve reinterpretá-las dentro de um novo contexto, atualizá-las num mundo que muda, e revitalizar a maneira de vivê-las. Cada idade tem as suas novas pobreza. Gerações sucessivas têm uma nova visão da missão e outras maneiras de realizá-la. Sem uma reinterpretação, as verdades fundamentais perdem gradualmente o seu dinamismo, e a Congregação, construída sobre estas verdades, corre o risco de ficar ultrapassada.

O assunto que me foi pedido tratar neste artigo é sobre a Congregação da Missão hoje. Quem são os seus membros? Como realizam sua missão no início do Século XXI? Que sinais de evolução se manifestam entre eles? Quais são os desafios que devem assinalar olhando o futuro?

Algumas estatísticas.

Após três décadas onde o número de membros diminuiu, a Congregação da Missão está atualmente relativamente estável. Nestes últimos sete anos, o número total de indivíduos diminuiu apenas 0,5%. No ano passado, o número passou de 3438 a 3441. 43% dos membros da Congregação vivem na Europa, 24% na América Latina, 13% na região da Ásia-Pacífica, 12% nos Estados Unidos e 8% na África. Nestes últimos sete anos, o crescimento mais evidente situou-se na África.

Durante este mesmo período, o número de estudantes admitidos ascendeu de 515 em 1997 para 620 em 2003. Entre eles, 600 se preparam para o sacerdócio, 20 para se tornarem

Irmãos na Congregação. Mais de 80% dos estudantes admitidos estão na África, na América Latina e na região da Ásia-Pacífica.

Dentro da Congregação, existe uma grande variedade de ministérios. A nível de estatísticas, a maioria dos confrades trabalham em Paróquias. Como um grande número destas Paróquias servem os pobres, o fenómeno da assimilação em Paróquia desde o Vaticano II, é uma preocupação a qual enfrentam as Províncias e o Conselho Geral da Congregação da Missão, como é o caso de numerosas outras Congregações.

Dado que o assunto deste artigo é “a Congregação da Missão hoje”, eu vou me limitar em descrever somente os principais desenvolvimentos da Congregação durante estes últimos 12 anos.

1 - NOVAS MISSÕES

As Assembléias Gerais de 1992 e 1998 provocaram a Congregação a fundar novas missões *ad gentes* e continuar promovendo aquelas que existem. Eis alguns pontos fortes relativos a este tipo de missões depois destas datas.

Atualmente, a Congregação da Missão tem 51 Províncias e Vice-Províncias, e muitas dentre elas têm missões no estrangeiro. Com efeito, incentivamos cada Província a começar uma missão ou pelo menos cooperar em uma delas. Algumas Províncias fundaram missões, criando três ou quatro outras Províncias.

Após a Assembléia Geral de 1992, muitos confrades se dispuseram voluntariamente para ir às novas missões e os Visitadores foram muito generosos aceitando a partida deles. Com isso, pudemos enviar equipas de Missionários para Albânia (1993), à Mbinga na Tanzânia (1993), Honiara às Ilhas Salomão (1993), à China (1994), à El Alto, na Bolívia (1994), Xai-Xai no Moçambique (1994), Kharkiv na Ucrânia (1995), Ninij Tagil na Rússia (1997), e à Ruhengeri em Ruanda (1998). Voluntários foram também reforçar as missões já existentes em Cuba, Moçambique, Etiópia e Argélia.

Freqüentemente nestas missões, trabalhamos lado à lado com as Filhas da Caridade. Às vezes, elas nos precederam como em Ruanda, e nossa chegada numa nova missão resultava do convite das Irmãs em acompanhá-las.

A vida não tem sido sempre fácil para os novos missionários. Com efeito, a inculturação tem sido às vezes difícil. Os missionários tiveram que aprender uma nova língua, se adaptarem aos novos costumes e duras condições físicas. Sua colocação freqüentemente foi muito afastada como na Sibéria ou em El Alto ou em Mbinga ou nas Ilhas Salomão. Alguns estavam mesmo em perigo como em Ruanda ou na Argélia. Alguns missionários não puderam se adaptar a estas situações, mas a maior parte o fez.

Estas não foram as únicas iniciativas missionárias da Congregação. Várias Províncias, continuaram a abrir novas missões dentro e para além do seu território e lhes ofereceram uma ajuda financeira. Durante este período, quase todas as nossas Províncias empreenderam uma séria revisão de obras para atingir de verdade os mais pobres.

Os últimos cinco anos constataram uma consolidação destas novas missões e a abertura de outras.

Em fevereiro de 1999, nós abrimos uma casa de formação em nossa Missão Internacional de El Alto na Bolívia, e no momento há cinco candidatos para a Congregação. Em contra partida, temos necessidade de aumento de pessoal para esta missão tão difícil devido a altitude e fatores culturais.

No dia 25 de janeiro de 2000, a Província do Midwest dos Estados Unidos mudou de maneira muito radical o projeto de sua missão no Quênia inaugurando ali um novo Seminário Vicentino. O Seminário abriga no momento 28 estudantes vicentinos dos quais vários em breve serão ordenados Padres. Atualmente está se construindo um noviciado numa propriedade vizinha. As Filhas da Caridade uniram-se aos co-irmãos do Quênia, trabalhando em duas zonas muito pobres, e estabelecem lá a sua própria casa de formação. Os co-irmãos

acabam de assumir uma Paróquia pobre que será confiada aos Lazaristas Quenianos ordenados recentemente.

No dia 1º de janeiro de 2001, a Vice-Província dos Santos Cirilo e Metódio foi criada, com sua Casa Central em Kiev. Esta nova Vice-Província reuniu os co-irmãos que servem nas nossas missões da Bielorrússia, Ucrânia e Sibéria.

O nascimento de uma nova missão na Papuásia, Nova Guiné, foi certamente, como São Vicente gostava de dizer *"uma coisa à qual nunca tínhamos pensado"*. Em resposta ao apelo dos Bispos de Papuásia, só um voluntário se apresentou em 2001. Um outro seguiu em 2002, e um terceiro em 2003. Assim, temos uma comunidade plenamente constituída no Seminário Inter-Diocesano de Bomana. Entretanto, as inscrições duplicaram no Seminário fundado perto de lá, nas Ilhas Salomão, em 1993.

No dia 20 de julho de 2001, a Província da Índia do Sul se ofereceu generosamente para assumir a responsabilidade da missão Internacional na Tanzânia. No momento há sete co-irmãos com seis estudantes em formação para a Congregação da Missão.

Na primavera de 2003, o Cardeal **Bakis** convidou a Congregação para retornar a Vilnius, capital da Lituânia, onde a nossa grande Casa e a nossa Igreja tinham sido confiscadas pelo Governo Comunista há cinquenta anos. Os Jesuítas da Lituânia têm nos ajudado a encaminhar os meios práticos para restabelecer a Congregação.

No dia 2 de maio de 2003, a Congregação aceitou o convite da Santa Sé para assumir a responsabilidade do Colégio Etíope Pontifício que está situado dentro da Cidade do Vaticano, a serviço do Clero da Etiópia e da Eritreia.

No dia 7 de novembro de 2003, o Padre Humberto Sinka se ofereceu para acompanhar as Filhas da Caridade em Angola. Mas os voluntários para Angola foram pouco numerosos. No entanto, tivemos vários candidatos para as missões das Filhas da Caridade. A Vice-Província de Moçambique se propôs generosamente em lhes ajudar a nível de formação.

Durante este tempo, o número de co-irmãos que servem na missão de Ruanda e do Burundi aumentou para dez. Além do seu trabalho entre os pobres, os co-irmãos contribuem na formação do Clero Diocesano. Um deles é Diretor das Filhas da Caridade na África Central. Recentemente, abrimos uma Casa de Formação e temos 16 candidatos para a Congregação da Missão.

A Vice-Província da Nigéria se ofereceu corajosamente para estabelecer uma nova missão na Libéria. A missão começará em setembro de 2005 quando dois ou três co-irmãos poderão ir para lá. Eles trabalharão não somente no serviço dos pobres, mas também na formação do Clero Diocesano.

II – A FAMÍLIA VICENTINA

Hoje, nós somos testemunhas de uma energia e um entusiasmo renovado no que se refere a Família Vicentina. Posso apenas dizer como São Vicente poderia constatar, que é a Providência que realizou isto. Quando visitei o México com o Vigário Geral em 1994, fui surpreendido pela estreita cooperação que existe entre os vários ramos da nossa Família. De volta à Roma, abordamos esta questão com o Conselho Geral e decidimos organizar, pela primeira vez, um Encontro dos responsáveis Internacionais dos principais ramos da nossa Família. Depois disto, muitas outras realizações foram feitas a nível da colaboração.

O tema da nossa Assembléia Geral de 1998 foi: "a Família Vicentina". À luz de uma recomendação feita no Documento Final desta Assembléia, um novo serviço foi criado na Cúria Generalícia, a de um delegado do Superior Geral para a Família Vicentina. O Padre Benjamin Romo foi nomeado para ocupar esta função.

Outros acontecimentos ocorreram rapidamente. Sublinho aqui alguns:

Juventude Marial Vicentina (JMV)

Seis meses após a Assembléia Geral de 1998, no dia 2 de Fevereiro de 1999, a Santa Sé aprovou os Estatutos Internacionais do JMV. Nessa época, o JMV era estabelecido formalmente em apenas seis Países. Mas, com a ajuda de co-irmãos e de Filhas da Caridade, se estendeu rapidamente em todos os continentes. A primeira Assembléia Geral do JMV celebrou-se em Roma de 8 a 12 de agosto de 2000, com delegados vindos de 44 Países. Eles elegeram uma Presidente Internacional: Gladys Abi-Saïd e 4 membros leigos para o Conselho Internacional. Em setembro de 1999, com a ajuda dos Visitadores e das Visitadoras da Espanha, criamos um Secretariado do JMV em Madrid. Agora contamos com um Padre da Missão, uma Filha da Caridade e voluntários leigos vindos do Equador, Venezuela, Haiti e das Filipinas, que se ofereceram por três anos para este serviço.

Agora, começou a preparação para a Segunda Assembléia Geral do JMV, que acontecerá em agosto de 2005 em Paris. Atualmente, o JMV tem mais de 75.000 membros. Os Estatutos Nacionais foram aprovados em 45 Países.

Missionários Leigos Vicentinos (MISEVI)

No dia 7 de Abril de 1999, a Santa Sé aprovou os Estatutos Internacionais do Misevi. Este jovem ramo da nossa Família Vicentina tem por objetivo enviar homens e mulheres leigos que vêm ou não diretamente de outros ramos da Família, para ir em missões *ad gentes*. Misevi colabora na formação dos seus membros, sua colocação apostólica, seus lugares de vida, sua vida material, seu apoio humano e espiritual, e seu regresso eventual ao seu País de origem. Comunidades permanentes de leigos missionários existem atualmente em Honduras, na Bolívia e em Moçambique. De 2 a 6 de janeiro de 2001, Misevi realizou sua primeira Assembléia Geral em Los Molinos perto de Madrid. Elegeu Eva Villar como presidente e três outros membros para a Equipe de coordenação Internacional.

Em agosto de 2003, o Misevi Internacional realizou também um encontro no México para todos os que estavam interessados em criar grupos nacionais de Misevi. 78 participantes vieram de 26 Países. Vários Países elaboram agora seus Estatutos Nacionais e, a preparação da segunda Assembléia Geral já esta bem avançada.

Associação da Medalha Milagrosa (AMM)

Os novos Estatutos Internacionais da Associação da Medalha Milagrosa foram aprovados no dia 19 de fevereiro de 1998. Ainda que os Estatutos não prevejam uma Assembléia Geral ou uma estrutura Internacional de Governo, tivemos um primeiro Encontro Internacional da Associação AMM, de 22 a 26 de Outubro de 2001. Participaram do mesmo, 68 Padres da Missão, Filhas da Caridade e leigos Vicentinos, vindos de 28 Países. Pouco depois, foi nomeado um Conselho de coordenação Internacional da AMM com um Coordenador Internacional, o Padre Charles Shelby.

A Associação que, em 1998, existia apenas em 6 Países, tem agora os Estatutos Nacionais aprovados em 13 Países. Outros 6 Países têm Estatutos em via de aprovação. O Conselho de coordenação Internacional tem contatos ativos com os coordenadores da Associação em mais de 50 Países.

A Assembléia Geral da Congregação da Missão de 1998 fez vibrante apelo aos membros da Família Vicentina para juntos responder aos gritos dos pobres, planejando projetos específicos, a nível local, Provincial, Interprovincial e Internacional, para responder as necessidades dos pobres e atacar as causas das pobreza em diversas situações.

Alguns exemplos de colaboração em nossa Família Vicentina

A Assembléia de 1998 nos comprometeu em estabelecer uma rede de comunicações mundiais, em cooperação com a Família Vicentina, e utilizá-la não somente para propagar a informação no seu interior e assegurando a nossa própria formação, mas também para o

serviço dos pobres. Este Site aberto oficialmente logo após a Assembléia deu nascimento a numerosos sítios web independentes nos diversos ramos da nossa Família. Desde a sua abertura, recebeu mais de 2 milhões de visitantes.

Para trabalhar no combate às causas de pobreza, como pedia a Assembléia de 1998, solicitamos que a Família Vicentina se tornasse uma ONG e obtivemos, no dia 1º de fevereiro de 1999, o reconhecimento oficial pelas Nações Unidas. O Padre Joseph Foley, nosso representante junto às Nações Unidas, apresenta relatórios detalhados ao Conselho Geral quatro vezes por Ano, dirige um sítio web que está bem elaborado, colabora regularmente em nosso programa de formação contínua em Paris, e contribui quatro vezes por Ano em *Nuntia*, a nossa revista mensal.

No dia 27 de setembro de 2001, os diversos ramos da Família Vicentina se comprometeram a colaborar em um programa chamado "Globalização da Caridade, combate contra a fome". A campanha produziu resultados extraordinários. Sabemos que mais de 160 projetos foram organizados no mundo. Estamos também conscientes que muitas outras ações foram empreendidas, mesmo que não tenhamos recebido informação. No ano passado, diversos projetos foram colocados em prática, visando combater as causas da pobreza.

Em 27 setembro de 2002, os responsáveis da família Vicentina colaboraram na composição e publicação de uma "Oração da Família Vicentina", que está agora largamente divulgada. Sabemos que um milhão e meio de exemplares foram impressos e que a oração foi traduzida em pelo menos vinte línguas.

O dia 27 de setembro de 2003, pela primeira vez na nossa história, os diferentes ramos da Família Vicentina se juntaram em uma Campanha de Ação Política, chamada Campanha contra a Malária para expressar de modo claro o parecer da nossa Família aos que tem o poder e os recursos econômicos necessários para buscar os meios de como combater a malária. Esta Campanha começou lentamente, mas pode salvar muitas vidas. A malária permanece a principal causa da mortalidade de crianças com menos de cinco anos na África.

Recentemente por ocasião do Encontro dos líderes da Família Vicentina de 20 a 22 de fevereiro de 2004, nós nos colocamos de acordo sobre um tema comum para o Ano 2004-2005. Trata-se do "Ano da Juventude": (Partilha do Carisma Vicentino com todas as gerações: oração, formação, serviço dos pobres). Incentivamos todos os ramos, durante este Ano, a procurar novos membros para compartilhar o Carisma da Família Vicentina.

Permanece uma sombra: não é sempre fácil para os membros dos diferentes ramos trabalhar *lado a lado*, uns com os outros. Às vezes a falta recai para a Congregação da Missão. Às vezes acontece de alguém se queixar de co-irmãos que querem dominar ao invés de colaborar, dirigir ao invés de acompanhar, decidir ao invés de dar o seu parecer. Outras vezes a falta recai a outros ramos da Família. Isso depende da capacidade de colaboração de uns e de outros... Alguns são maravilhosos colaboradores, outros menos.

III. UMA FORMAÇÃO ENRIQUECEDORA

Em vista de promover a formação contínua dos co-irmãos, começamos em 1994, em Paris, o Centro Internacional de Formação Vicentina (CIF) sobre São Vicente de Paulo. O CIF existe há dez anos. Oferece dois programas: uma Sessão longa que dura três meses para os co-irmãos que estão entre a idade de 35 a 50 anos e uma Sessão mais curta de um mês para os co-irmãos que têm mais de 50 anos. Durante estes anos, 368 co-irmãos participaram da Sessão longa do CIF e 115 da mais curta.

Além disso, nós tivemos uma série de "Meses Vicentinos" para participantes de todos os Continentes:

- em 1993, sobre o mesmo tema da Assembléia Geral de 1992: "Nova Evangelização, novos homens, novas comunidades"
- em 1997, sobre as missões populares
- em 1999, sobre o nosso apostolado no mundo muçulmano
- em 2001, para os Diretores das Filhas da Caridade

- em 2002, para os 120 conselheiros dos grupos de leigos Vicentinos

Quatro importantes documentos de formação foram publicados durante este período e são amplamente utilizados na Congregação:

- Uma Instrução sobre a Estabilidade, a Castidade, a Pobreza e a Obediência na Congregação da Missão
- Um guia prático para o Visitador Provincial
- O Ratio Missionum
- Um guia prático para o Superior local

Além disso, um novo Diretório para os Diretores Provinciais das Filhas da Caridade está sendo preparado por uma comissão mista composta de co-irmãos e Filhas da Caridade, à luz de suas Constituições recentemente renovadas.

Alguns outros desenvolvimentos significativos no que diz respeito à formação em nível mundial.

A formação dos formadores

Um dos desafios mais concretos apresentado com força pela Assembléia Geral de 1998 se referia a formação dos formadores. Após numerosas discussões do Conselho Geral, decidimos pedir nas cinco Conferências dos Visitadores para estabelecer um plano regional de formação ao uso dos formadores. Pedimos que fosse organizado um encontro formadores com a duração de algumas semanas, seja cada ano, seja de dois em dois anos (com vida fraterna e vida de oração em comum, partilha de experiências, formação...). As Conferências responderam rapidamente. A Europa, por diferentes razões, teve mais dificuldades para organizar tais encontros.

Muitas Províncias, que utilizam os numerosos meios de formação colocados à sua disposição, obtêm bons resultados. Algumas Províncias têm maiores dificuldades para liberar os co-irmãos em vista de um tempo de formação.

Secretariado Internacional de Estudos Vicentinos (SIEV)

O SIEV (Secretariado Internacional de Estudos Vicentinos) continua a ajudar de muitas maneiras a formação contínua dos co-irmãos. Buscou uma ajuda inestimável para organizar o encontro relativo ao Islã (1999), o mês Vicentino para os Diretores das Filhas da Caridade (2001), o mês para os Conselheiros da Família Vicentina (2002) e um encontro de co-irmãos mais jovens, interessados pelos estudos Vicentinos (Abril de 2004). Tomou igualmente a responsabilidade de numerosos outros projetos; por exemplo: aprofundar os artigos publicados no número de novembro-dezembro de 2002 da *Vicentina* sobre João-Gabriel Perboyre, deixar disponíveis os números da *Vicentina* de 1995 a 2003 sobre CD-Rom. Outros projetos estão em andamento.

Encontro de estudos vicentinos para os co-irmãos jovens

Treze co-irmãos jovens, procedentes de um número equivalente de Províncias, assistiram o primeiro Encontro Internacional de co-irmãos jovens interessados pelos estudos Vicentinos, que se realizou em Roma de 26 a 30 de abril de 2004. O objetivo deste encontro era de compartilhar as suas experiências no domínio dos estudos Vicentinos. Cada um dos treze participantes, assim como os cinco membros do SIEV, apresentou seu próprio trabalho relativo aos estudos Vicentinos e o de sua Província. É evidente que, em diversos níveis, um importante trabalho é feito a este respeito.

Encontro dos Ecônomos Provinciais

Os Ecônomos Provinciais da Congregação se encontraram duas vezes para prosseguir a sua formação contínua durante este período, uma vez em Paris e a outra em Roma. Entre os

assuntos abordados, havia: a espiritualidade do Ecônomo, os investimentos, a contabilidade, a organização dos livros de conta, as questões de saúde, o Patrimônio, os Comitês financeiros, as relações do Ecônomo Provincial com o Visitador, as relações do Ecônomo Provincial com os Ecônomos locais, o Gabinete de solidariedade Vicentina, e os artigos das nossas Constituições e Estatutos que são relativos a administração dos bens temporais. Depois, muitos Ecônomos Provinciais convidaram o Ecônomo Geral para visitar a sua Província para oferecer uma formação aos Ecônomos locais e fazer as recomendações a respeito da situação econômica da Província.

O estudo de línguas

A Assembléia de 1998 comprometeu a Congregação em promover o estudo de outras línguas, particularmente junto aos nossos estudantes. No dia 30 de março de 1999, fizemos um decreto geral pedindo que todos os nossos seminaristas, durante o seu tempo de formação, estudassem uma segunda língua (o inglês, o francês ou o espanhol) com o objetivo de poder compreendê-la e falar.

IV. A VIDA EM COMUM PARA A MISSÃO

Mais de dez por cento dos co-irmãos participaram nos três meses do programa de formação contínua Vicentina ao CIF em Paris. Por ocasião de meus contatos com eles e das minhas visitas às Províncias, uma das preocupações mais frequentemente expressas é o mal-estar relativo a vida comunitária. Muitos co-irmãos, em particular os mais jovens, sentem que falta algo na nossa vida em comum. Enquanto que, nas últimas décadas, a maior parte das nossas Províncias fez progressos significativos na renovação da vida apostólica, muitos questionam: "temos encontrado a boa fórmula para a nossa vida comunitária? Será que a comunidade traz o apoio de fé, solidariedade na ação, no incentivo, na compreensão? É ela o lar que tantos co-irmãos – sobretudo os jovens – procuram quando se inserem numa Sociedade de Vida Apostólica?"

Nossas Constituições (C. 27) e Estatutos (E. 16) propõem o projeto comunitário como instrumento básico para estruturar a vida e a atividade da comunidade local. Trata-se de um contrato, por assim dizer, que temos uns para com os outros pelo qual nos comprometemos concretamente em nos apoiar nas tarefas Apostólicas, nossa vida de união, nossa oração, nossos votos, nossa formação contínua, etc. Mas tem-se a impressão – e é lá o problema – que muitas comunidades locais não levam suficientemente a sério a formulação, a avaliação e a revisão regular do Projeto Comunitário.

Sensível a este problema, escrevi vários artigos sobre a comunidade local e o seu projeto. Finalmente, o mal-estar geral, que tantos co-irmãos expressaram a este respeito, tornou-se o principal assunto de discussão do encontro de todos os Visitadores em Dublin em 2001. Um dos principais resultados deste encontro foi o *Guia Prático para o Superior local*, que apresenta diferentes modelos de projetos comunitários: para grandes comunidades, para pequenas comunidades, para comunidades comprometidas numa única obra, para aquelas que são comprometidas em diversas obras. Este livro é doravante amplamente utilizado na Congregação. Trata de assuntos como:

- O papel da autoridade no Novo Testamento
- O papel do Superior nos escritos de São Vicente
- O papel do Superior local num modelo de comunhão
- O papel do Superior local numa comunidade "para a missão"
- O Superior local: nomeação, formação, mandato, descrição da função
- Dez relações importantes do Superior local: Com o Visitador e seu conselho, com a comunidade local, encontro de todos os membros ou conselho, com a Assembléia doméstica, com o assistente do Superior, com o Ecônomo local, pessoalmente com cada um

dos membros da casa, com os pobres, com os membros da família Vicentina, com os convidados, com o ordinário do lugar e o clero local.

- Diretivas práticas relativas a sete momentos chaves na vida da Comunidade local: o apostolado, a oração, as refeições, os encontros, o lazer, o dinamismo espiritual, a formulação do projeto da comunidade local

V. A ORAÇÃO

Como eu posso avaliar a oração na Congregação hoje?

Quando fui nas Províncias, tomei consciência que a maior parte dos co-irmãos eram muito fiéis à oração. Às vezes, alguns supervalorizam o trabalho em detrimento da oração. Mas a maioria são admiráveis em seu compromisso de um como de outro.

Por meus escritos e durante as minhas visitas, incentivo os membros para que os critérios de preparação da nossa oração comum sejam os seguintes: bela, simples, de acordo com a oração da Igreja, colorida pela tradição Vicentina, flexível e adaptável às diferentes situações.

Na oração das Laudes e Vésperas, sinto que foram feitos progressos, ainda que se poderia fazer algo para torná-la menos mecânica, melhor preparada, e mais bonita.

Na Páscoa de 2003, após todo um trabalho preparatório, enviamos a todos os Visitadores um exemplar do livro de oração pedindo-lhes para nomear uma comissão encarregada de adaptar livremente este livro à cultura do País ou da região. Um certo número de Províncias assumiu o desafio e desenvolveu com sucesso formas de orações comunitárias Vicentinas adaptadas à sua própria língua e ao seu ambiente cultural.

A oração permanece uma preocupação para mim. São Vicente nos convidava a comprometer-nos *juntos* de maneira a apoiar-nos uns aos outros na meditação da Palavra de Deus e na contemplação da presença de Deus e do seu amor, em particular pelos pobres. Tal apoio é essencial; no entanto, alguns, devido ao peso do seu trabalho e horários tardios não o oferecem suficientemente aos outros e não se beneficiam de seu apoio.

VI. A PARTILHA DOS RECURSOS

A Assembléia de 1998 nos chamou a partilha crescente dos recursos no seio de toda a Congregação da Missão. Muitos Visitadores e co-irmãos a título individual responderam com grande generosidade para colocar os seus recursos econômicos à disposição das Províncias mais pobres e das missões da Congregação. Eis alguns meios através dos quais isto se realizou.

De Província para Província

Este tipo de partilha que consiste numa ajuda direta de uma Província à outra Província ou à uma missão sempre existiu na Congregação. Hoje há uma grande escala. Certas Províncias foram extraordinariamente generosas.

O Fundo Internacional para a Missão (IMF) e outros fundos

Em 1996, com a ajuda de um benfeitor e o compromisso a longo prazo de várias de nossas Províncias, começamos o Fundo Internacional para a Missão: 2000. O fundo terminou no Ano 2000. Nessa época, todos os doadores de origem aceitaram continuar a contribuir para o novo fundo chamado IMF 2004. Estes fundos e outros que existiam anteriormente geram rendimentos para uma distribuição anual no mês de junho para as nossas Províncias e às nossas missões mais pobres. Mais de 36 Províncias e missões receberam uma ajuda graças à esta distribuição de junho, após ter apresentado um pedido de ajuda e ter descrito os projetos pelos quais este dinheiro é utilizado.

Os fundos de Investimentos (Fundo Patrimonial)

São Vicente sempre se preocupou em estabelecer as suas casas e as suas obras sobre fundações econômicas sólidas, de modo que pudessem subsistir no futuro. Com o mesmo princípio em mente, há alguns anos, começamos a recorrer as nossas Províncias mais abastadas para ajudar a criar um fundo Patrimonial para algumas de nossas Províncias mais pobres. Durante os cinco últimos anos, as Províncias, bem como um generoso benfeitor, doaram uma grande soma de dinheiro a estes fundos do Patrimônio que será capitalizada progressivamente durante os próximos anos que virão. Foram estabelecidos acordos por escritos estipulando a maneira como o capital de tais fundos devia ser preservado, como os rendimentos provenientes do capital deviam ser utilizados no futuro, e a maneira como a responsabilidade da administração dos fundos seria pouco a pouco transferido às Províncias beneficiárias.

O Gabinete de Solidariedade Vicentina (VSO: Vincentian Solidarity Office)

Após ter recebido uma reação positiva quando apresentamos esta idéia durante o Encontro dos Visitadores no dia 15 de Junho de 2002, criamos o Gabinete de solidariedade Vicentina. Depois nomeado o irmão Peter Campbell para ser o primeiro administrador. O objetivo do VSO é ajudar as Províncias, as Vice-Províncias e as Missões mais pobres da Congregação da Missão a redigir os pedidos de fundos que possam ser aceitos por organismos de financiamento para as suas obras e as suas necessidades. O VSO é um serviço facultativo. As Províncias, Vice-Províncias e Missões permanecem muito livres de continuar a enviar os seus pedidos diretamente aos organismos financeiros ou aos seus doadores.

VII. Olhando rumo ao futuro

Olhando para o futuro, quais são os principais desafios que interpelam a Congregação da Missão? Permitam-me rapidamente sugerir-lhes seis.

1. No que diz respeito à missão da Congregação no seio da Igreja, estou convencido que toda a Congregação deve ser cada vez mais disponível. Por ocasião da Assembléia Geral de 2004, incentivei os Visitadores e os delegados a apresentar aos co-irmãos a imagem de tantos grandes missionários que partiram até às extremidades da terra, como o exemplo de tantos outros que continuam a fazer isto do mesmo modo ainda hoje. Recomendei-lhes com vivacidade a ensinarem aos jovens a serem disponíveis para ir não importa onde no *interior* da Província, e mesmo para ir não importa aonde *além das* fronteiras da Província.

2. No que diz respeito ao serviço da Congregação no seio da Família Vicentina, devo repetir aqui a firme convicção que se desenvolveu em mim ao longo destes dez anos. O desafio por excelência, na nossa família, é a formação. A nossa família conta um "exército" de membros! De centenas de milhares dentre eles são jovens, entusiasmados e idealistas. O desafio consiste em ajudá-los a receber uma profunda formação, integral, cristã vicentina para que estejam ao lado dos pobres, cheios do espírito de São Vicente.

3. No que se refere a formação na própria Congregação da Missão, o principal desafio, tal como o vejo, consiste em oferecer aos nossos membros jovens, que são numerosos, um plano de formação que seja ao mesmo tempo exigente e dinâmico: exigente, porque o nosso estilo de vida é exigente, e dinâmico, porque o nosso Carisma é completamente da atualidade. Devemos ensinar-lhes um caminho de amor que seja de um lado disciplinado, e de outro libertador. E tais programas de formação contínua devem ser também oferecidos aos que dentre nós são mais idosos.

4. No que diz respeito a nossa vida comunitária para a missão, estou convencido que o desafio para nós é de conceber os meios para ajudar as comunidades locais nas quais os co-

irmãos possam se desenvolver, viver como irmãos que têm cuidado uns com os outros, como São Vicente o esperava (CR VIII, 2), se formar e crescer juntos, servir juntos. Para nós que estamos comprometidos com o celibato, é indispensável desenvolver a solidariedade e os laços afetivos e efetivo.

5. No que diz respeito à oração, é essencial que a oração comum da Congregação da Missão seja bem preparada, celebrada com gosto, convidando à participação e a meditação. A fidelidade a oração diária é igualmente essencial. A nossa oração como missionários, se é fiel, tornar-nos-á próximos de Deus, dos outros, dos pobres, e de tantos jovens têm fome de rezar conosco. Virá então o tempo onde juntos gritaremos: *É bom dar graças ao Senhor, tocar para o seu nome, O Altíssimo; anunciar pela manhã o teu amor, tua fidelidade ao longo das noites.* (SI 92, 2-3)

6. No que se refere a partilha dos nossos recursos, mesmo se a Congregação deu grandes passos neste domínio, podemos ainda ir mais longe. O desafio para as Províncias mais abastadas é de viver mais simplesmente. O desafio para as Províncias mais pobres é de continuar a guardar um estilo de vida simples. Quando se está em Roma, vê-se frequentemente que o dinheiro utilizado para responder a uma necessidade que *parece* grande num País, seria ainda mais útil para um outro País.

Uma última palavra. Os missionários cheios do Espírito são disponíveis, dispostos a ir mesmo até às extremidades da terra. Partem unidos, trabalham juntos, se ajudam mutuamente em seu desenvolvimento e sua formação contínua, rezam juntos, comem e fazem das refeições um tempo de diálogo. Partilham seus recursos econômicos, seus sentimentos, suas esperanças, suas decepções, seus projetos e seus sonhos. É o desejo de seguir o Cristo, evangelizador dos pobres, que leva o missionário a continuar ainda e agora, a voltar-se cada vez para os outros. Finalmente é Cristo que liberta o missionário. São Vicente reconhecia a dificuldade de uma tal vida mas estava igualmente convencido que ela era realmente libertadora. Ele exclamava diante dos membros da Congregação da Missão, no dia 22 de agosto de 1659: *"Os que se desprendem da afeição dos bens da terra, da cobiça dos prazeres e da sua própria vontade tornam-se filhos de Deus, que gozam de uma perfeita liberdade; porque é no único amor de Deus que ela se encontra. Estas pessoas são, os meus irmãos, que são livres, que não têm leis, que voam, que vão à direita e à esquerda, que voam rápido, sem que se possam detê-los, e nunca são escravos do demônio, nem das suas paixões. Oh! Feliz liberdade dos filhos de Deus!"* (SV XII, 301)

Padre Robert P. MALONEY, C.M

História da Companhia

Fontes e Atualidades

Maria Imaculada e a Companhia das Filhas da Caridade

São Jerônimo, que celebrava as grandezas da Santíssima Virgem disse: *“cheia de graça, deu ao Céu sua **graça**, à terra seu **Senhor**”*.

No dia 8 de dezembro de 1854, a definição dogmática da Imaculada Conceição foi proclamada pelo Papa PIO IX, *“privilégio completamente singular que nunca foi atribuído a outra pessoa”*, dizia Pio XII em 1953.

Em nenhuma parte da França, a atmosfera cristã esteve tão impregnada da crença na Imaculada Conceição que em Paris, onde, depois de três séculos, em plena catedral de Notre-Dame, celebrava-se a festa de 8 de dezembro e onde, desde o Século XIV, havia sido erigida, na Igreja de São Severino, uma florescente confraria sob o título da Imaculada Conceição. Depois de muito tempo, tinha-se habituado a escutar os pregadores que se colocavam uníssonos ao falar da liturgia e da devoção local. São Francisco de Sales também não fez nenhuma sensação quando, no dia 8 de dezembro de 1622, declarou: *"Quanto a Nossa Senhora, a Santíssima Virgem, foi concebida por via comum de geração; mas Deus, tendo desde toda a eternidade predestinada na sua idéia para ser a sua Mãe, guardou-a pura e isenta de toda mancha... Ela devia ter este privilégio particular, porque que não era razoável que o diabo acusasse Nosso Senhor que aquela que o trouxe em suas entranhas fosse tributária dele"*. (Sermão 67, Annecy - Volume X, p. 403)

A Conceição Imaculada de Maria foi definida como uma verdadeira preservação do pecado original, tendo por motivo os méritos de Cristo. Ela é a primeira pessoa que Cristo devia salvar eficazmente, a única criatura da qual a salvação pessoal foi necessária. A Maternidade divina comportava necessariamente a salvação de Maria.

A Igreja viu nesta Maternidade divina, a razão final pela qual Maria foi perfeitamente salva e preservada de todo pecado. Maria recebeu esta singular plenitude de graça para uma Mãe digna de um Filho divino. É por isso que dizemos todos os dias, com convicção: *Santíssima Virgem, eu creio e confesso vossa Santa e Imaculada Conceição...*

Maria Imaculada na Companhia

A devoção a Imaculada Conceição é um verdadeiro tesouro de família, que foi dado do Céu pelas mãos de nossos Santos Fundadores. O Padre Villette, Superior Geral, na sua conferência de 8 de Dezembro de 1914 às Filhas da Caridade, disse: *"Nós sabemos em que grau São Vicente foi o servo fiel da Santíssima Virgem Maria, filho, padre. Ele quis publicar, no dia da Imaculada Conceição do Ano de 1617, o regulamento desta Confraria da Caridade que devia ter um tão grande lugar em sua vida."*

*É na vida da Venerável Luísa de Marillac que entendemos o eco mais potente da devoção de São Vicente para com a Imaculada Conceição: parece que estes dois corações, assim unidos no amor e no serviço de Nosso Senhor, sejam de modo particular ajudados mutuamente para desenvolver na família das Filhas da Caridade, a **devoção à Imaculada Conceição**. Em seus escritos e suas meditações, Luísa de Marillac insiste várias vezes sobre o mistério da Imaculada Conceição: sente-se impotente de repetir os pensamentos que a bondade divina lhe deu a graça de ter a respeito da Conceição Imaculada da Santíssima Virgem. O texto deste conhecimento se encontra nos Escritos Espirituais, página 730 – Sonho da véspera de 8 de Dezembro.*

Deseja que O Senhor Vicente ofereça ele mesmo e consagre as Filhas da Caridade a Santíssima Virgem como a sua verdadeira Mãe, no dia da sua Imaculada Conceição. Escreve-lhe em 7 de dezembro de 1658: "Meu muito Honrado Pai, não ousei testemunhar à vossa caridade, em nome de toda a Companhia das Irmãs, que nos considerávamos felizes se nos colocasse amanhã, no santo altar, sob a proteção da Santíssima Virgem, nem supliquei a vossa caridade que nos possibilitasse sempre reconhecê-la como nossa única Mãe".

Prosseguindo esta apresentação, o Padre Villette faz uma pergunta: a partir de 8 de dezembro de 1658, há uma fórmula pela qual a Comunidade inteira teria se unido de coração a São Vicente, colocando, durante a Santa Missa, as suas Filhas sob a proteção de Maria

Imaculada? Parece bem, diz, tanto quanto que na sequência, cada Ano em 8 de dezembro de acordo com o costume usual, estabelecido em 1667 por Irmã Mathurine Guérin, a Superiora faz a leitura em voz alta do ato de consagração a Santíssima Virgem... Não é imprudente pensar que esta fórmula foi redigida pela nossa Venerável Mãe e aprovada por São Vicente.

É pois para nós um dever sagrado velar com maior cuidado a guarda deste tesouro precioso que é a devoção da Companhia à Imaculada Conceição da Santíssima Virgem.

Em 8 de dezembro de 1885, o Padre a Fiat consagrou sua conferência "***à devoção da nossa Venerável Mãe para com Maria Imaculada***", se apoiando sobre a relação de Gobillon. A Senhora Le Gras não escrevia, mas de tempo em tempo, lançava rapidamente, sobre um papel, os pensamentos que tinham ocupado seu espírito durante a oração; notas preciosas que atestam também a precisão das suas idéias, ao mesmo tempo que a sua elevação, especialmente no que se refere a Santa Virgem. Temos uma prova impressionante em algumas linhas que consagra à Imaculada Conceição de Maria. Mas a Igreja devia esperar ainda dois Séculos antes de fazer um dogma de fé e precisar a doutrina. Santa Luísa fala com uma lucidez e uma exatidão notáveis: "*É verdade, Santíssima Virgem, que fostes desde sempre preservada do pecado, pelos méritos da Encarnação, da Paixão e da Morte do Filho de Deus e vosso; portanto, sois a verdadeira filha primogênita da Cruz*" (Gobillon, livro V, capítulo 3, parág. 3).

A Igreja retoma o mesmo pensamento, dizendo que Deus preservou a Imaculada Virgem de toda mancha, em vista da morte de seu Filho ou pelos méritos da morte prevista de seu Filho.

Na oblação que ela faz de si mesma e da Comunidade à augusta Mãe de Deus, Luísa de Marillac pede sua especial proteção por um motivo bem próprio a tocar seu coração: "*Eis vossas filhas por adoção, diz ela. É verdade que tendes muitas outras, que são almas relevadas em graças e em méritos, que podeis amar ainda mais, pela glória que elas rendem a Deus vosso Filho, mas porque somos as menores e as mais fracas, temos mais necessidade do vosso socorro materno*".

USOS E COSTUMES

1. O Ato de consagração de 8 de dezembro

O 8 de dezembro, de acordo com o costume estabelecido em 1667 por Irmã Mathurine Guérin, a Superiora ou uma outra Irmã por ela nomeada, faz a leitura em alta voz do ato de oferecimento à Santa Virgem e todas as Irmãs de joelhos dizem em voz baixa as mesmas palavras.

A fórmula primitiva deste ato é conservada nos Arquivos da Companhia. Além disso, o ato de consagração de 8 de dezembro sempre será inserido nos livros das Regras que eram manuscritos e confiados à cada Irmã Servente, que partem com uma ou várias companheiras para fundar um estabelecimento. A primeira cópia das Regras, datada de 5 de agosto de 1672, foi autenticada e assinada por Mathurine Guérin, Superiora e Francisca Carcireux, Assistente.

O ato de consagração é assim apresentado: "***Ato de oferenda pelo qual as Filhas da Caridade tomam todos os anos a Santa Virgem por Mãe e Protetora, no dia e festa da sua Imaculada Conceição.***"

Quanto à formulação do ato de consagração, continuou inalterado durante quase três séculos, inclusive no formulário de 1953.

O livro das Filhas da Caridade de 1981 dá um texto renovado, que será mais simplificado em 1998. Esta nova edição se aproxima do ato de consagração que Luísa de Marillac fez em nome de toda a Companhia, no dia 17 de Outubro de 1644.

2. A novena preparatória à festa de 8 de dezembro

A edição de 1912 do formulário de orações e práticas piedosas ao uso das Filhas da Caridade, com algumas instruções que lhes são próprias, menciona como a 14ª novena do ano, a da festa da Imaculada Conceição no dia 8 de dezembro. O conteúdo é o seguinte: *“Ave Mari stella... e três vezes: Ó Maria concebida sem pecado, rogai por nós...”*

O formulário de 1953 é mais explícito com relação a Novena preparatória à Imaculada Conceição: *“Esta novena começa no dia do aniversário do nascimento da nossa Companhia e tem por objetivo dispôr os fiéis a melhor celebrar a festa que, entre todas as outras da Santa Virgem, é a nossa por excelência”*.

Santa Luísa de Marillac, convencida dos perigos corridos pelas suas filhas, chamadas a exercer as obras no meio do mundo, pensava que não podiam ter a mais potente salvaguarda que o culto e a imitação da Virgem sem mancha. *“Nossa única e divina Mãe deve estar sempre diante dos olhos como um exemplo da pureza que devemos conservar”*. - Luísa de Marillac –

Querendo que esta pureza fosse em especial a auréola de cada Irmã e também de toda Companhia, trabalhou e rezou muito toda sua vida a fim de assegurar à sua obra esta preciosa herança.

No dia 7 de dezembro de 1659, véspera da última festa que devia passar sobre a terra, escrevia ainda a São Vicente de Paulo: *“Pelo amor de Deus e para o cumprimento da sua santíssima vontade sobre a Companhia, suplico-vos pedir perdão a Nosso Senhor, pelo amor da escolha que fez de sua Santíssima Mãe, de todas as faltas contra a pureza interior e exterior, e a graça da verdadeira pureza que sua misericórdia quis”*.

O texto do formulário de 1953 menciona o desenrolar da novena: *“a novena, começada no dia seguinte das belas festas da Medalha e de Santa Catarina, nos ajudará a melhor preparar ainda mais particularmente aquela dedicada em honrar a pureza da Imaculada Conceição, em união com nossa Santa Mãe, a quem devemos estas curtas orações”*.

Na Casa-Mãe, faz-se esta novena do dia 29 de novembro a 7 de dezembro, depois da missa da Comunidade. Aquela que preside diz a oração marcada para cada dia, em seguida começa: *“Santíssima Virgem...”* e todas prosseguem juntas em voz alta. Termina-se pela invocação, três vezes repetidas: *Ó Maria, concebida sem pecado...”*

3. A conferência de 8 de dezembro

Um pouco de história: O Senhor Dehorgny, Diretor das Filhas da Caridade, falecido no dia 4 de Julho de 1667, foi substituído pelo Senhor Gicquel por decisão do Senhor Alméras, Superior Geral.

Ora, *“tendo sido testemunha da conduta do Senhor Dehorgny e da maneira como Irmã Margarida Chétif tentou continuar tudo aquilo que tinha conhecimento da conduta da falecida Senhora Le Gras, nossa muito honrada primeira Superiora, Senhor Gicquel deu*

ordem à nova Superiora eleita após Irmã Chétif, de escrever todas as luzes que podia retirar dela, para que elas não colocassem no esquecimento, como poderia chegar se isto não fosse colocado em ordem, é o que deu origem a este pequeno “costumeiro”, para que as coisas não mudem de direção, embora as conselheiras mudem cada três anos. É por isso que, tudo o que se pôde saber que nossa boa mãe, a Senhora Le Gras, fez e indicou que fosse feito para conduzir esta casa, se encontra neste livro com vários outros pareceres e regulamentos dados pelos Superiores e Diretores”. (extraído manuscrito original, página 10).

Neste “costumeiro”, página 66, é mencionado a conferência de 8 de dezembro, nestes termos: “No início de dezembro, a Superiora deve recordar o Senhor Diretor, que o assunto comum da conferência do oitavo dia deste mês é sobre a castidade. No 8º de dezembro, no fim da conferência, antes da bênção do Diretor, a Superiora faz a leitura do ato de oferenda a Santa Virgem”.

O “costumeiro” da Casa-Mãe de 1854 faz também uma menção específica ao 8 de dezembro, festa da Imaculada Conceição da Santíssima Virgem, que se celebra sempre neste dia na Casa Mãe, embora na diocese a solenidade seja fixada no segundo domingo do Advento para as Paróquias (...) **Nosso muito Honrado Pai é solicitado para vir celebrar manhã e noite e fazer a Conferência às 2 horas...**

Em 1937, o costumeiro das casas particulares apresenta uma alternativa: “*lê-se às 2 horas a circular do Senhor Boné, de 8 de dezembro de 1830, relativa ao ato de consagração*”. Não é questão de conferência.

O que permanece hoje, nos arquivos da Companhia destas conferências de 8 de dezembro em honra de Maria Imaculada? 122 Conferências estão classificadas com a data, o nome do Superior Geral, o assunto da conferência. Em 1670, o Senhor Dupont, Diretor após o Senhor Gicquel, fez a conferência sobre “a devoção da Imaculada Conceição”. Estilo muito simples. Ele conta uma história, chegada em 1045 em Guilherme de Normandie, rei da Inglaterra, País onde a Virgem pedia para ser festejada a Imaculada Conceição.

Os Senhores Bonnet, Etienne, Boré, Fiat e os Superiores Gerais que sucederam-lhes, honraram a festa da Imaculada Conceição de sua conferência. A última, de 8 de dezembro de 1968 é do Padre Richardson, sobre a Conceição Imaculada de Maria.

Porque esta interrupção? Os documentos eclesiais, nomeadamente *Marialis cultus*, de Paul VI, após o Concílio, fornecia matéria para o aprofundamento pessoal do culto marial. O capítulo VIII de *Lúmen Gentium* nos apresenta a bem-aventurada Maria, Mãe de Deus, no mistério de Cristo e da Igreja. É na primeira parte que a exposição afirma o que a fé da Igreja descobriu em relação a, quer a pureza Imaculada de Maria na sua concepção, quer sua Assunção corporal.

4. A devoção marial

Desde mais de três séculos, todas as Filhas da Caridade têm cada ano, o 8 de dezembro, consagrado a Companhia, com todas as obras, e são elas mesmas, cada uma em particular, dedicadas à Imaculada Conceição.

Mas o ato de 8 de dezembro retorna apenas uma vez por ano. De tempo imemorable, todos os dias, nós repetimos com amor **a nossa fé no privilégio da pureza sem mancha de Maria**: “*Santíssima Virgem, eu creio e confesso vossa santa e Imaculada Conceição pura e sem mancha...*”

Esta oração não é de São Vicente, nem de Santa Luísa. Ela foi publicada pela primeira vez no formulário de 1813. O autor considera que este formulário reproduz um uso já antigo e avança as seguintes provas:

- a) O Senhor Aladel escreve em 1842 que a oração vem das origens da Companhia,
- b) Se tivesse havido inovação, a inovação teria sido imposta por circular.

O quê, o Senhor Coste responde:

- a) A autoridade de um homem é prova frágil na história; não é um argumento a alegar quando este homem está afastado dos fatos.
- b) As inovações não se introduzem somente por circulares, mas também pelos livros da Comunidade, como o costumeiro, livros das regras, formulários de orações.

Dado que a oração nunca é mencionada antes de 1813, não menos nos livros manuscritos que nos impressos, não afirmamos que é de uma época anterior. Toda afirmação deve se apoiar sobre provas, e provas sólidas. (manuscrito assinado pelo Senhor Coste - arquivos dos Padres da Missão, armário 204)

O **sábado** é, tempo imemorable, na liturgia e piedade católica, consagrado a honrar especialmente a Santíssima Virgem. O costume se introduziu: existe uma devoção particular no primeiro sábado de cada mês.

O Padre Diebold, C.M., a pedido das autoridades, tinha realizado meditações especiais para os **primeiros sábados** do mês, substituindo aquelas de 1920, um ato de desagravo ao Coração Imaculado de Maria que devia ser feito em comum no primeiro sábado do mês na oração da tarde, depois da leitura do primeiro ponto da meditação; outro ato de consagração ao Coração Imaculado de Maria para o dia 22 de agosto. Este ato era lido pela Irmã Servente no início da oração da manhã. Para estes dois atos, que constam no livro de meditação, a data de publicação não está indicada.

Outro costume, desde o início da Companhia: o **jejum de regra**, na véspera das festas da Santa Virgem.

Santa Luísa desejava que as suas filhas honrassem todos os dias Maria e mais, diz ela, unir o nosso espírito na intenção da santa Igreja na ordem que ela tem de saudá-la em diversos tempos... com o **Angelus**.

Em diversos formulários ou catecismos de orações, está escrito em latin. A maneira de dizer consta nos formulários de 1850 e 1865: "*Ao primeiro som do sino, a Irmã da semana diz em voz alta: Angelus Domini..., as outras respondem em voz baixa: Ave Maria... A estas palavras: et verbum caro..., todas beijam a terra, com exceção dos dias em que se diz o Angelus de pé; faz-se então simplesmente uma reverência. Na capela todas respondem o versículo que precede a oração, mas não ao meio-dia durante a refeição; desde sábado à noite até o domingo a tarde, inclusive, fica-se de pé para dizer o Angelus*". Na edição de 1889, o Angelus é escrito em latin e em francês.

Em 1974, o Papa Paulo VI apresentava a exortação *Marialis cultus* e, entre os exercícios de piedade, o Angelus e o Rosário tinham prioridade: para o Angelus, conservar o hábito de recitá-lo. Esta oração não tem necessidade de ser renovada... Ela conserva inalterada, o seu valor, e intacto o seu frescor. Celebrar dignamente as **diversas festas** instituídas na

Igreja em **honra de Maria**, e manter-se todo o dia no espírito do mistério que é o objeto da festa é um dos conselhos de Santa Luísa de Marillac.

O terço. É preciso retornar a São Vicente. Várias conferências fazem alusão ao terço: *"É preciso ser cuidadosas em rezá-lo bem. É o vosso breviário... Vocês devem ser cuidadosas ao rezar o terço na intenção da Companhia, para que Deus a santifique e abençoe o seu trabalho e tudo o que fizer pelo serviço dos pobres"*. (extraído da conferência de 8 de Dezembro de 1658 - p. 853 – recitação do rosário).

São Vicente diz mesmo *"que se pode substituir a oração, se alguma irmã tivesse tão grande dificuldade para fazer a oração, que foi completamente impotente, ela poderia pedir a permissão para rezar o terço, e de acordo com o conselho que ser-lhe-á dado, usará desta devoção"*. E São Vicente acrescentava: *"se ela não tivesse tido outra obrigação no seu ofício, ela não teria feito outra oração senão o terço. Ele mesmo o recomendou forte e o disse durante trinta anos, sem faltá-lo, para obter de Deus a pureza, pela intercessão daquela que ele a deu por sua santa Mãe"*. (conferência escrita por Santa Luísa Marillac sobre a prática do regulamento - 22 de Janeiro 1645).

Em sua conferência, de 16 de Agosto de 1640, sobre a fidelidade ao levantar e a Oração, São Vicente indica que as Irmãs levavam o terço na cintura: *"Ao começar qualquer ação ou conversa, de vezes em quando durante o dia, levai a mão ao terço que tendes à cintura, ou ainda à medalha ou à cruz que está presa a ele, e levantai o vosso espírito a Deus, e dizei-Lhe: "Meu Deus, que seja para Vossa glória e por Vosso amor que diga esta palavra ou faça esta ação"*.

Atualmente, temos dois textos importantes relativos ao Terço.

- Paulo VI insiste na exortação *Marialis cultus*, sobre a renovação destes piedosos exercícios, que se chamou "resumo de todo o Evangelho": o terço da Virgem Maria, o Rosário.

- O Papa João Paulo II, no ano de 2002, deu ao mundo a sua Carta Apostólica: **O Rosário da Virgem Maria**. *"É uma oração de simplicidade e de profundidade maravilhosa, diz, uma oração, tão fácil e ao mesmo tempo tão rica, merece realmente ser redescoberta pela comunidade cristã"*.

Estes textos dirigem-se a nós *"chamadas a um título específico a contemplar o rosto de Cristo na escola de Maria"* – João Paulo II.

O que guardar de todas estas práticas? São Vicente falou, Santa Luísa meditou e agiu. Os superiores iluminaram nosso entendimento de acordo com os ensinamentos da Igreja e as exigências de nossa vocação e o Céu se manifestou.

E hoje, Maria ainda nos diz: *"fazei tudo o que ele vos disser"* (Jo 2,5).

Irmã Claire Herrmann
Serviço dos Arquivos

Fontes e atualidades

Jeanne Dalmagne

360 Anos!

Conferência de 15 de janeiro de 1645 feita pelo Senhor Vicente e escrita por Luísa de Marillac.

"Esta boa Irmã, acrescenta a copista na conferência, morreu no 33º ano da sua idade depois de ter estado 5 anos na Companhia das Filhas da Caridade, a 25 de Março, dia do aniversário daquele em que Deus lhe tinha concedido a graça de se entregar a Ele para o serviço dos pobres. É a primeira falecida dentre todas as que se dedicaram desta maneira. Bendito seja Deus para sempre!

Jeanne Dalmagne, antes de morrer, quis rever o Senhor Vicente. Nosso Bom Pai quis dar-lhe esta consolação. A que sabia o seu estado de espírito (Luísa de Marillac) disse-lhe: *"Meu Pai, a nossa irmã deseja ter a honra de vos ver, para entregar completamente a sua alma nas vossas mãos; suplica muito humildemente a vossa caridade para a oferecer a Deus, do modo que julga ser-lhe agradável, para que no instante da sua separação, seja unida à de Jesus Cristo, para, obter misericórdia por este meio"*.

"De muito boa vontade, minha querida Irmã, prometo-vos oferecê-la muitas vezes a Deus do modo que desejais. Suplico à sua bondade Se digne conceder-vos esta graça, a vós, e todas as Filhas da Caridade que existem e existirem no futuro".

Todas sentiram tão grande satisfação ao pensar que o poder desta oração e bênção lhes serviria na hora da morte, que quis contá-lo por extenso, para que as pobres Filhas da Caridade conheçam, por isto, o cuidado da divina Providência para com a sua Companhia.

Conferência de São Vicente: p. 131-132

Sobre o cavalete do Espírito Santo

Quando Deus, em seu paraíso, decidiu dar uma mãe ao seu Filho, convocou em seu escritório os artistas super dotados do gênio angelical. E manteve com eles mais ou menos este diálogo: *"Na minha Criação vocês fizeram bonitas coisas. E cheguei a pensar que nunca os felicitei bastante. É verdade que os coloridos do arco-íris ou da plumagem do pavão e do pássaro dos paraísos mereciam da minha parte um pouco mais de elogios. Mas eis o momento de ultrapassá-los: dou-lhes um mês (eu sei que é pouco, mas eu estou apressado), dou-lhes um mês para imaginar, inventar, fazer o esboço do que será a Mãe do meu pequeno. Compreendem? Que seja bem elaborado, perfeito. Feliz aquele cuja cópia será escolhida!"*

Oito dias foram suficientes para Lúcifer (este anjo genial, ainda, na época, em graça com Deus) trazer o seu projeto, certo do seu golpe, diante do júri Trinitário. É verdade que o seu projeto da jovem era fascinante, mas com alguma coisa de perturbação que fez nascer na boca do Filho, um beicinho discreto que o autor observou. Retomou a sua cópia, rasgou-a, vexado. E saiu batendo a porta.

Assim, na data anunciada, foi o desfile dos artistas. Às vezes, era o Pai, às vezes, era o Filho, às vezes, era o Espírito que se mostrava decepcionado. Contudo, num instante, a ilustre Trindade hesitou, como seduzida, pela delicada aquarela do Anjo Gabriel. Mas não, não era ainda aquilo; para a mãe do Filho, era necessário do sublime. O Pai e o Filho então se olharam, se compreenderam. Juntos, se voltaram para o Espírito: *"Espírito, és a inteligência"* diz-lhe o Pai. *"Espírito, és o amor"* acrescentou o Filho. *"Só Tu podes fazer obra divina!"*

E é assim que o Espírito Santo, no coração de Santa Ana, gerou divinamente a futura Rainha do mundo.

Denis Sonet